

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

REGINA WAGNER CIZERIO LIRA

**O COTIDIANO DE TRABALHO: OPERÁRIAS DA FÁBRICA DE RENDAS E
BORDADOS HOEPCKE ENTRE OS ANOS DE 1913-1924.**

FLORIANÓPOLIS, 2018

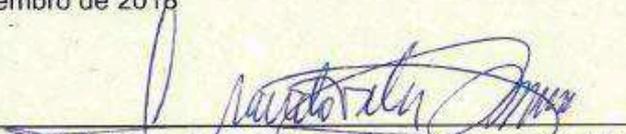


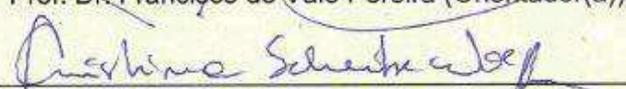
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Graduação em História

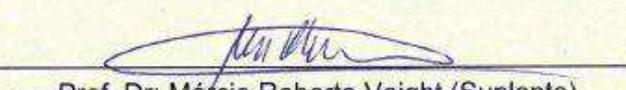
ATA DE DEFESA DE TCC

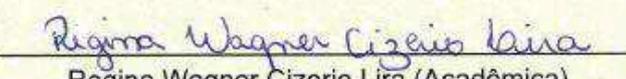
Aos vinte e sete dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezoito, às 10 horas e 00 minutos, na sala 312 no Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Dr. Francisco do Vale Pereira (Orientador(a) e Presidente); Profª. Drª: Cristina Scheibe Wolff (Titular); Prof. Dr: Márcio Roberto Voight (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 44/HST/CFH/2018, a fim de argüirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica Regina Wagner Cizerio Lira, intitulado: **“O Cotidiano de trabalho: Operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke entre os anos de 1913-1924”**. Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, a Acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof. Dr: Francisco do Vale Pereira, nota 9,5, Profª. Drª: Cristina Scheibe Wolff, nota 8,5, Prof. Dr: Márcio Roberto Voight, nota 8,5, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 8,83. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 04 de dezembro de 2018. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 27 de novembro de 2018


Prof. Dr. Francisco do Vale Pereira (Orientador(a))


Profª. Drª: Cristina Scheibe Wolff (Titular)


Prof. Dr: Márcio Roberto Voight (Suplente)


Regina Wagner Cizerio Lira (Acadêmica)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Regina Wagner Cizerio Lira, matrícula n.º13201588, entregou a versão final de seu TCC cujo título é O COTIDIANO DE TRABALHO: OPERÁRIAS DA FÁBRICA DE RENDAS E BORDADOS HOEPCKE ENTRE OS ANOS DE 1913-1924, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 30 de novembro de 2018.

Orientador(a)

Regina Wagner Cizerio Lira

**O COTIDIANO DE TRABALHO: OPERÁRIAS DA FÁBRICA DE RENDAS E BORDADOS
HOEPCKE ENTRE OS ANOS DE 1913-1924.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela e Licenciada em História, pelo Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Francisco do Vale Pereira.

FLORIANÓPOLIS, 2018

Dedico este trabalho (*in memoriam*) as operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke Irmão e Cia de Florianópolis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu esposo Herbert Lira Júnior, por estar sempre ao meu lado me dando força para continuar a minha trajetória acadêmica.

Aos meus pais João Cesar Cizerio e Renilda Wagner Cizerio e minha irmã Greice Cizerio Irrarázabal pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu orientador Francisco do Vale Pereira pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, e pelas suas correções e incentivos.

As minhas amigas e amigos que fizeram parte da minha formação.

A Universidade Federal de Santa Catarina que abriu horizontes de novos conhecimentos e experiências na qual tive o privilégio de participar, em especial sendo bolsista do Núcleo de Estudos Açorianos/NEA.

Ao Instituto Carl Hoepcke, e a Anita Hoepcke da Silva que autorizou o uso dos arquivos neste trabalho, agradeço também toda a equipe me atenderam de forma muito gentil, e possibilitaram que essa pesquisa pudesse seguir em frente.

Ao professor Marcos Fábio Freire Montysuma pelo atendimento no Laboratório de História Oral da UFSC, para o acesso de alguns arquivos para minha pesquisa.

A Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina e sua equipe pelo acesso aos periódicos.

Enfim agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida.

RESUMO

O Cotidiano de Trabalho: Operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke em Florianópolis, entre os anos de 1913 a 1924, abordou as condições de trabalho dessas operárias, e o papel da mulher em Florianópolis nos primeiros anos do século XX, tendo como foco principal esta fábrica que foi uma das empresas na cidade que contrataram em maior número mão de obra feminina. Com base na trajetória da inserção da mulher no mercado de trabalho, é relevante destacar estudos sobre o gênero no trabalho fabril. A metodologia utilizada teve como base a bibliografia referente ao tema, além de fontes primárias que foram utilizadas: periódicos da época, e fichas de funcionárias do mesmo complexo Industrial da Companhia Hoepcke. Sendo assim esta pesquisa demonstrou que com o advento da República em (1889-1930) teve como finalidade “moldar” a sociedade, de acordo com seu novo regime baseado na “ordem e no progresso”, inserindo o discurso dominante da “utilidade” do trabalho para a construção da “Nação”. Compreende-se assim que o trabalho fabril, foi um meio de disciplinar esses(as) trabalhadores(as).

Palavras – chave: Operárias. Trabalho feminino. Rendas e bordados.

ABSTRACT

The working daily in the Hoepcke Lace and Embroidery Factory in Florianópolis, between 1913 and 1924, dealt with the working conditions, and the role of women in Florianópolis in the early years of the 20th century focusing in the fact that Hoepcke was one of the factories that most hired the female labor in the city. Based on the trajectory of the insertion of women in the labor market, it is relevant to highlight studies on gender in manufacturing work. The methodology used was based on the bibliography referring to the theme, in addition to primary sources that were used: periodicals of the time, and tokens of employees of the same Industrial Complex of the Hoepcke Company. This research demonstrated that with the advent of the Republic in (1889-1930) the purpose was to "shape" society, according to its new regime based on "order and progress", inserting the dominant discourse of the "utility" of the work for the construction of the "Nation". It is thus understood that factory work was a means of disciplining these workers.

Keywords: Workers, Women 's work, Lace, and embroidery.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA EDIFICAÇÃO DA ANTIGA FÁBRICA DE RENDAS E BORDADOS.....	29
FIGURA 2- PRÉDIO DA HOEPCKE, EM CARTÃO POSTAL DA DÉCADA DE 1960.....	30
FIGURA 3- EDIFICAÇÃO DA ANTIGA FÁBRICA DE RENDAS E BORDADOS HOEPCKE, ANO 2018.....	30
FIGURA 4- QUADRO DE ACIONISTAS DA FÁBRICA DE RENDAS E BORDADOS, ANO 1917.....	34
FIGURA 5- SEÇÃO DE EMPACOTAMENTO DA FÁBRICA DE RENDAS E BORDADOS HOEPCKE.....	46
FIGURA 6 – FICHA DA FUNCIONÁRIA MARIA ELIZA TAVARES, DÉCADA DE 1920, ORDEM N°80.....	53
FIGURA 7 - FICHA DA FUNCIONÁRIA MARIA ELIZA TAVARES, DÉCADA DE 1920, ORDEM N°666.....	54

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – RELAÇÕES DOS SOBRENOMES E O POSSÍVEL PARENTESCO ENTRE AS FUNCIONÁRIAS DA FÁBRICA DE RENDAS E BORDADOS.....	44
GRÁFICO 2 – QUANTIDADE DE FICHAS ANALISADAS DAS FUNCIONÁRIAS DA COMPANHIA HOEPCKE ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 A 1960.....	49
GRÁFICO 3 - ESTADO CIVIL DAS FUNCIONÁRIAS DA COMPANHIA HOEPCKE ENTRE AS DÉCADAS DE 1920 A 1960.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. ASPECTOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM SANTA CATARINA NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	16
1.1 Breve contexto econômico e social de Florianópolis nos primeiros anos do século XX.....	19
1.2 A Companhia Hoepcke e sua atuação no cenário econômico em Santa Catarina.....	27
1.3 A instalação da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke no centro da cidade de Florianópolis em 1913.....	29
2. O TRABALHO FEMININO.....	36
2.1 O cotidiano de trabalho das operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke.....	40
2.2 As fichas das funcionárias da Companhia Hoepcke.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
FONTES.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
ANEXO 1 - “Na Fábrica de Bordados 70 operárias brasileiras que protestam contra as acusações do Sr. Horácio Antônio de Maria.” Jornal A Opinião. Florianópolis, 21 de dezembro de 1917, Nº 847.....	62
ANEXO 2- PROTESTO. Jornal A Opinião. Florianópolis, 21 de dezembro de 1917, Nº 847.....	63

INTRODUÇÃO

Ao abordar o trabalho fabril, remete-se à Revolução Industrial, que ocorreu na Inglaterra entre os séculos XVII, XVIII e XIX, marcando o início do processo de produção de mercadorias em grande escala com utilização de maquinário. Foi por meio desse processo que se introduziu a força de trabalho da mulher, e também foi utilizada a mão de obra infantil. Com “[...] a Primeira Guerra Mundial [intensifica-se] as coisas: na França e Inglaterra as mulheres substituem, na retaguarda, os homens que foram mobilizados para a frente de batalha” (PERROT, 2013,p.120). Portanto o trabalho nas fábricas passou a ser uma condição para a sobrevivência de quem não estava nas frentes de batalha, visto que grande parte dessas mulheres e crianças levavam vidas difíceis.

A incorporação de mulheres e crianças no processo fabril representou maiores lucros aos patrões, pois estes recebiam salários menores, e essa diminuição refletiu-se também nos salários masculinos. A saída do lar, e de suas atividades desempenhadas até então com alguma remuneração em caráter informal, passam a ser substituídas pelo trabalho assalariado. Inseridas no mercado de trabalho formal, sua “emancipação” proporcionada, virou sinônimo de opressão e superexploração, impondo uma dupla jornada de trabalho.

No Brasil, nos primeiros anos do século XX, as mulheres também formavam grande parte do operariado. Além disso, os salários também eram baixos e estavam constantemente sujeitas a várias situações, como trabalhar em local insalubre, ser tratada com falta de respeito sendo que não havia legislação trabalhista capaz de protegê-las. Somente a partir da década de 1930, no governo de Getúlio Vargas houve a regulamentação do trabalho de mulheres pelo Decreto nº. 21417- A regulamentado no dia 17 de maio de 1932, e de menores pelo Decreto nº. 22042 regulamentado no dia de 3 de novembro do mesmo ano.

Com esses marcos legais, para as mulheres ficou estabelecida igualdade de remuneração pelo mesmo trabalho exercido, proibição do trabalho noturno, ou em locais insalubres e perigosos, e algumas medidas sobre a proteção à maternidade. Para os menores, ficou estabelecido a contratação a partir dos catorze anos, com condições específicas de admissão, como: autorização dos pais, e local apropriado ao uso de sua mão de obra. Entretanto, para os menores essa reforma passou a ser mais favorável ao patrão. Ficou

estabelecida a legislação brasileira que proporcionou algumas garantias trabalhistas às mulheres, e aos menores fixando uma jornada de trabalho em oito horas diárias¹.

Com base na trajetória da inserção da mulher no mercado de trabalho, é relevante destacar estudos sobre o trabalho feminino² no setor fabril em Florianópolis, mesmo que de modo diminuto em comparação com o Vale do Itajaí. Sendo assim esta pesquisa tem como intuito “descortinar” um período em que havia uma grande participação feminina no mercado de trabalho formal, nas fábricas, mas também mencionar o trabalho informal, que foi uma maneira utilizada como meio de sustento dessas mulheres.

A escolha do tema para esta pesquisa surgiu da curiosidade da acadêmica, que desde o início da graduação no curso de Licenciatura e Bacharelado em História, passava a pé pela quadra onde se localiza esta antiga edificação da fábrica. Com isso procurei aprofundar-me nas pesquisas e me interessei sobre o trabalho feminino, considerando que esta fábrica contratou em maior número mão de obra feminina na época. O Cotidiano de Trabalho: Operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke em Florianópolis, entre os anos de 1913 a 1924, pretendeu analisar as condições de trabalho dessas operárias, e o papel da mulher em Florianópolis nos primeiros anos do século XX. Discuti-se, qual foi o impacto que esta fábrica causou nos primeiros anos da República, e se de modo direto ou indireto ela “ajudou” a moldar uma nova classe de trabalhadoras(es) na cidade, contribuindo com os ideais do regime republicano nos primeiros anos do século XX.

A metodologia utilizada teve como base além da bibliografia referente ao tema, fontes impressas que foram consultadas, dando prioridade à análise do jornal “O Dia”, do Órgão do Partido Republicano Catarinense, que teve início de suas edições em 1901 e finalizando em 1918, sendo que na época, este jornal foi o principal porta voz do governo de Felipe Schmidt. Portanto é de extrema relevância ao historiador(a) [...] se inquirir a respeito das fontes de informação de uma dada publicação, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros [...]”(LUCCA,2005,p.116). Aspectos que até então eram negligenciados ao recorrer fontes impressas.

¹ MUNAKATA, Kazumi. **A legislação trabalhista no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.79.

² *Esta pesquisa está centrada no trabalho feminino e no estudo voltado as mulheres, porém não faço o uso recorrente do termo gênero, sendo o gênero um termo não engessado e classificando-o como uso exclusivo das mulheres. Sendo assim o gênero são símbolos e significados construídos com base na percepção da diferença sexual. SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil de Análise o termo**. Educação & Realidade, v.15,n.2,jul/dez.1990.

Foram utilizados, também, nesta pesquisa, alguns arquivos disponibilizados pelo Instituto Carl Hoepcke. Foi feito o uso de uma entrevista já realizada com uma ex-funcionária que trabalhou na década de 1940, e que mesmo sendo em período posterior ao estudado, ajudou a compor o perfil dessas trabalhadoras.

Esta pesquisa está dividida em dois capítulos, e cada capítulo está dividido em subtítulos para melhor entendimento do tema em análise. O primeiro capítulo intitulado *Aspectos da industrialização em Santa Catarina no início do século XX* propõe ao leitor conhecer a trajetória econômica e industrial do Estado de Santa Catarina, colocando em pauta a discussão dos variados fatores que levaram Santa Catarina se constituir economicamente como hoje conhecemos.

O primeiro subtítulo deste capítulo intitulado *Breve contexto econômico e social de Florianópolis nos primeiros anos do século XX* tem por finalidade apresentar um “cenário” de como eram constituídas essas relações econômicas e sociais anteriormente às transformações ocorridas com o processo de urbanização e “modernização” na cidade, em prol do novo regime republicano. O segundo subtítulo intitulado *A Companhia Hoepcke e sua atuação no cenário econômico em Santa Catarina* propõe ao leitor conhecer um pouco sobre a vida do imigrante alemão Carl Franz Albert Hoepcke, e sua atuação no mercado catarinense, sendo que foi um grande empreendedor em Florianópolis, e em Santa Catarina, no início do século XX.

O terceiro subtítulo intitulado *A instalação da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke no centro da cidade de Florianópolis em 1913* visou relacionar esse empreendimento, que foi uma das últimas aquisições de Carl Hoepcke, e a questão da empregabilidade da mão de obra feminina. São destacados elementos importantes sobre a sua criação e sua atuação no cenário econômico local, estadual e mundial.

O segundo capítulo intitulado *O trabalho feminino* focou-se em discutir de forma mais teórica da presença feminina na história, e sua trajetória para a emancipação no mercado de trabalho. O subtítulo do segundo capítulo intitulado *O cotidiano de trabalho das operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke*, propõe ao leitor um panorama das atividades que essas funcionárias desempenhavam, e como era o seu cotidiano de trabalho e as suas relações pessoais.

O último subtítulo do segundo capítulo intitulado *As fichas das funcionárias da Companhia Hoepcke* teve como base a pesquisa qualitativa, realizada para o levantamento de dados por meio de fichas disponibilizadas pelo Instituto Carl Hoepcke de funcionárias do mesmo complexo Industrial da Companhia Hoepcke.

1. ASPECTOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO EM SANTA CATARINA NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Entre a transição do Império para a República, o ramo de importação e exportação se mostrou propício à conjuntura nacional da época, visto que a maior parte dos recursos financeiros era destinada a atividade da escravidão. De acordo com Martins (1979, p.109, apud CZESNAT, 1980, p.20) “[...] a abolição veio liberar capitais e consentiu o uso racional da força de trabalho, fator predominante na acumulação de capitais mais tarde relacionados com a formação industrial do país”.

Bossle, menciona que em Santa Catarina a primeira manifestação industrial ocorreu a partir de 1880 “[...] Confirma-se, assim a tese do surgimento das primeiras indústrias a partir de 1880, e particularmente fora dos argumentos desenvolvimentistas da política financeira do encilhamento” (BOSSLE,1988,p.42). A teoria aceita por muitos pesquisadores até então, alegava que o principal fator para a sustentação da economia brasileira teria se baseado na demanda internacional por café, aliado a isso há outros fatores como menciona Singer:

O que sustentou a economia brasileira, nos anos que seguiram á abolição, foi o grande crescimento da demanda internacional por café, complementado por uma guinada da política monetária a favor da multiplicação de bancos privados, emissores de notas, o que levou a expansão do crédito à lavoura e mais tarde à criação de empresas industriais e a especulação na bolsa de valores do Rio de Janeiro. (2001, p.82)

Segundo Suzigan (2000, citado por FURTADO, 1963), os principais produtos de exportação no Brasil até então eram: borracha, produzida na região amazônica; açúcar, algodão, fumo e cacau, no Norte e Nordeste; café, no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo; mate, couros e pele, no Sul, de onde também se exportava charque para outras regiões do Brasil.

Portanto de acordo com Bossle, o desenvolvimento das indústrias em Santa Catarina no início do século XX, não pode se resumir a hipótese de estar vinculada totalmente ao mercado cafeeiro. É importante ressaltar que “[...] as pré-condições à industrialização foram diferentes no País [...]” (CUNHA, 1992, p.23). A formação para o capital industrial em Santa Catarina, de acordo com Bossle, estavam:

Dentre as condições que promoveram a indústria no Brasil em geral, algumas atingiram beneficentemente Santa Catarina, como é o caso das tarifas protecionistas.

Algumas outras medidas de incentivo à industrialização brasileira, como câmbio favorável as importações, também colaboraram de maneira decisiva. Permitiram a importação de máquinas, que de outra maneira seriam inacessíveis àqueles empreendimentos catarinenses que geraram indústrias. (1988, p.34)

As exportações catarinenses nesse período, como em todo o país, continuaram a comercializar produtos agropecuários e extrativos, e lentamente os produtos têxteis começam a ganhar espaço. “Foram, portanto, significativos em investimentos, os períodos de 1880 a 1884 e 1910 a 1914, registrando-se com frequência a criação de estabelecimentos têxteis [...]” (BOSSLE, 1988, p.44).

O desenvolvimento da Indústria em Santa Catarina surgiu por meio de agricultores independentes. Nesse sentido predominou entre o período de 1880 a 1945 um crescimento baseado na pequena propriedade que acabava por ditar o ritmo da economia catarinense.³ Muitos dos imigrantes eram transformados em industriais, que necessitavam da importação de máquinas e matérias primas vindas do exterior para desenvolver a sua atividade industrial e comercial. A empresa comercial Carl Hoepcke e Cia. era importadora e exportadora de serviços no mercado catarinense, representando muitos fabricantes europeus no país, e atuava como agente de bancos internacionais e nacionais.

Nesse sentido a Firma Carl Hoepcke & Cia originou-se de uma casa comercial de que Carl Hoepcke se tornara sócio. Este comércio varejista e atacadista foi ampliado para os negócios de importação e exportação, através de navios que a própria firma fretava, possuindo alguns. Com o desenvolvimento desse empreendimento inicial e a devida acumulação do capital foram fundadas a Fábrica de Pregos Rita Maria e a Fábrica de Rendas e Bordados, tendo sido também criado o Estaleiro Arataca. (BOSSLE, 1988, p.37)

É importante salientar que na história econômica do nosso estado sempre é “[...] tomada como ponto de partida o paradigma de civilização do homem branco” (GOULARTI, 2002, p.71). O termo colonizar e crescimento econômico não estão dissociados do extermínio de grande parte dos indígenas, a disputa pela terra foi intensa, principalmente na região oeste do estado de Santa Catarina. Foi exatamente durante os anos de 1880 a 1945 que são originadas indústrias no setor madeireiro, alimentício, carbonífero e têxtil, provenientes desse período de expansão capitalista. De certo modo as Companhias Colonizadoras promoveram esses conflitos, não somente entre os povos indígenas e os imigrantes recém-chegados, bem como quem já havia se estabelecido anteriormente em locais considerados “desabitados” pelo

³ GOULARTI Filho, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002, p.71.

governo. Não pretendo entrar nessa discussão, e perpetuar uma posição equivocada do assunto, é preciso entender que foi um processo complexo e de longa duração, e que seus efeitos podem ainda ser sentidos atualmente.

Durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918), os países que estavam em guerra tiveram que diminuir sua produção para exportação, sendo assim muitos produtos anteriormente absorvidos pelo nosso país foram substituídos pela produção nacional. “A ampliação do mercado interno, tanto para os produtos da alimentação quanto para os manufaturados, como por exemplo, os têxteis, impulsiona a produção industrial e conduz conseqüentemente, ao total aproveitamento da capacidade de produção já instalada” (BOSSLE, 1988, p.55).

Cresceu a procura interna de bens intermediários, ampliando-se assim o mercado interno. Os periódicos desse período publicavam diversos artigos falando sobre os impactos “positivos” que os países em luta propiciaram para o desenvolvimento da economia interna no país e investimentos na capital do estado de Santa Catarina.

Em publicação divulgada pelo jornal “O Dia”⁴ do Órgão do Partido Republicano Catarinense de 1913, com o título “*Uma Instituição Útil*”⁵, em relação a Fábrica de Rendas e Bordados, a matéria mencionava que devido ao enfraquecimento das importações, o poder econômico local, ou seja, o capital dos empresários catarinenses, não poder emigrar para a aquisição de novos objetos de comércio. Neste caso, o desejo e a capacidade de investimentos e a necessidade de crescimento da empresa ficava a espera de uma oportunidade para sua aplicação. Entretanto, o momento era ideal para a criação e expansão de indústrias que vinham atender as demandas daquele período.

Note-se que muitos empresários viram a oportunidade de aplicar o capital em prol do momento econômico favorável que o país estava passando, muitos já com empresas de gama de produtos variados na capital do Estado.

O momento actual é propício para o aproveitamento racional do capital. As indústrias com enfraquecimento da importação estrangeira, tendem a expandir-se e procuram engrandecer-se, alongar a sua esfera de acção. E o capital que não pode

⁴ O jornal usado como fonte de pesquisa neste trabalho, pode ser acessado de modo virtual por meio do site da Hemeroteca de Santa Catarina. Disponível em: <hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>

⁵ “Uma Instituição Útil”. **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 16 de dezembro de 1915, Nº 8.156.

emigrar para a aquisição de objetos de comércio em países em luta, ficam recolhidos às arcas a espera de uma conveniente oportunidade para sua aplicação. O momento é propício para a expansão das nossas indústrias, quer porque a procura dos artigos torna-se maior, quer porque o capital se acumula mais em nosso mercado interno.^{6 7}

Para Cunha (1992, p.25) “Vários fatores contribuíram para a ocorrência deste novo momento da economia estadual.” Dentre esses fatores podem ser destacados os núcleos urbanos, onde havia maior colonização europeia, e onde se percebia mais acirrada a divisão do trabalho entre meio urbano e rural, e também se destaca o aprimoramento do sistema de transporte. “Em Santa Catarina, a imigração alemã trouxe muitos benefícios e auxiliou no processo de industrialização” (CZESNAT, 1980, p.15). Muitos imigrantes atuaram como assalariados e inovadores, adaptando suas novas atividades e técnicas em mão de obra especializada, e ao acumularem poupanças foram aplicando na indústria e no comércio.

1.1 Breve contexto econômico e social de Florianópolis nos primeiros anos do século XX.

Na segunda metade do século XVIII, predominava a colonização açoriana em Florianópolis e na região litorânea do Estado. De acordo com Goularti “[...] com a chegada dos açorianos, começou a produção e exportação, para o centro da Colônia (Rio De Janeiro), da farinha de mandioca, do açúcar, do melado, da aguardente e dos derivados de baleias.” (2002, p.64). Foi também durante o auge da pesca da baleia que o uso da mão de obra escrava se fez presente em maior número.

O cultivo da farinha de mandioca estava em evidência até meados do século XIX, como mencionado por Müller, pois “[...] em Santa Catarina a situação se repetia com o esmorecimento do ciclo baleeiro, restando somente a incipiente agricultura onde o cultivo da mandioca se destacava” [...] (2007, p.18). Ressalte-se, portanto, que o cultivo da farinha de mandioca foi muito importante para o abastecimento das tropas portuguesas e brasileiras no nosso território. Foi a partir de 1850, com a promulgação da Lei de Terras, que começou a intensificar-se a imigração europeia com a vinda dos colonos para suprir a mão de obra escrava.

⁶“Uma Instituição Útil”. **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 16 de dezembro de 1915, Nº 8.156.

⁷ Em respeito à grafia da época, optou-se pela transcrição original em todas as citações referenciadas no decorrer do presente trabalho.

Além de novos núcleos coloniais fundados, foram introduzindo novas mercadorias na pauta de exportação para a província. De acordo com Pedro “[...] o porto de Desterro, que não só exportava os alimentos produzidos na própria Ilha e mediações, como também fazia a reexportação de produtos de várias regiões da Província, e ainda a importação dos artigos necessários a estas” (1994, p.23).

Entre os imigrantes açorianos e alemães, ambos apontados por Goularti em seu estudo sobre a *Formação econômica de Santa Catarina*, destacava-se o “instinto capitalista” dos imigrantes alemães, que pela lógica protestante, o trabalho árduo e a disciplina são resultados da evolução do indivíduo em prol de sua fé. Ressalta-se, portanto, que muitos desses imigrantes eram luteranos. Os alemães também recebiam maior apoio do governo, dentro dessa questão outro elemento importante de tal atenção especial com os imigrantes europeus se destaca a questão do “branqueamento da raça”, sendo que a tese eugenista⁸ foi muito defendida no início do século XX.

Em Desterro, na segunda metade do século XIX, quase não havia indústrias de alto nível, apenas aquelas que ofereciam o necessário para o cotidiano dos ilhéus (REIS, OLIVEIRA e KLUG, 1999, p.108). As Olarias eram numerosas, pois a população dependia destas para a construção de suas residências e para o suprimento da demanda de utensílios para casa. Havia algumas fábricas não muito tecnológicas para a época como: gasosas (1863), cerveja (1872), cigarro e charutos, fábrica de fogos (1829-1870), sabão, velas etc.⁹. As comunicações e o comércio em Desterro dependiam do mar. A Empresa Nacional de Navegação Hoepcke criada em 1895, teve um importante papel no desenvolvimento e estímulo do comércio entre a Ilha de Santa Catarina com outros portos do Estado como Laguna, São Francisco do Sul e Itajaí.

Pode-se afirmar, com certeza, que foi o porto, e tudo o mais que girou em torno dele, que deu vida a cidade e provocou um cada vez maior desenvolvimento econômico. Exportava-se lenha e farinha e importava-se tudo o que se necessitava do exterior. Desterro tinha um porto aonde navios de toda a Província vinham se abastecer quando de viagens mais longas. Os comerciantes anunciavam antecipadamente nos jornais as chegadas dos seus carregamentos. Quase nada

⁸ Tese Eugênica defendia um padrão genético superior para a “raça” humana. A ideia de que o homem branco europeu tinha o padrão da melhor saúde, beleza e de maior competência civilizacional em comparação às demais “raças”, como a “amarela” (asiáticos), a “vermelha” (povos indígenas) e a negra (africana). João Baptista de Lacerda era antropólogo e médico carioca, foi um dos principais expoentes dessa tese.

⁹ REIS, Sara Regina Poyares dos. OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho de. KLUG, João. **Carl Hoepcke: a marca de um pioneiro**. Florianópolis: Insular, 1999, p.108.

faltava nas lojas e armazéns da cidade do Desterro graças a seu porto. (REIS, OLIVEIRA e KLUG,1999, p.109)

Em 1886, Carl Hoepcke & Cia. já ocupava posição de destaque no mercado catarinense dentre muitos outros comerciantes e industriais da região, pois a firma Hoepcke era uma das principais fornecedoras do comércio varejista de Desterro.¹⁰

Como menciona Pedro, “O porto de Desterro foi, no século XIX, o mais importante porto da Província. Como entreposto principal, promoveu a acumulação de riquezas, criando uma próspera classe de comerciantes, armadores e agenciadores de navios” (1994, p.27). Florianópolis ficou conhecida e tornou-se importante no sul do país. “A casa de comércio Carl Hoepcke e Cia. foi uma mola impulsadora e agilizadora do comércio e da movimentação de capitais, no litoral catarinense [...]” (CZESNAT, 1980, p.58).

Com a consolidação da República em Desterro (1889 - 1930) e a formação de uma nova elite proveniente das transformações ocorridas naquele período, “[...] aos poucos toda região foi tomada pelo exercício de serviços burocráticos e comerciais, dividindo o espaço com as residências, que passaram a se instalar também em novos bairros, fora do centro histórico” (VEIGA, 1993, p.274). Os mais abastados habitavam localidades consideradas mais adequadas à moradia, muitos tinham chácaras na área da Praia de Fora, atualmente conhecida como área nobre da Avenida Beira Mar. A falta de saneamento básico, a disseminação de doenças, as aglomerações na região central da cidade, foram alguns dos motivos para esse distanciamento em busca de lugares mais afastados para a instalação de residências das elites. Dentro deste quadro havia também comerciantes que habitavam a região central e tinham seu comércio funcionando na parte inferior de sua residência. Segundo Neckel “[...] ao lado das “casinhas de porta e janela” das pessoas mais pobres, os sobrados compunham o panorama da área central de Desterro/ Florianópolis, no final do século XIX” (2003, p.49).

Sendo assim, até os primeiros anos do século XX, a economia em Florianópolis e região pouco se diferenciavam, de acordo com Müller, da realidade de “Santa Catarina [que] possuía uma agricultura de mercado interna relativamente desenvolvida e cultivava a mandioca, trigo, açúcar, arroz e milho, sendo que esta produção, entre os anos de 1892 e

¹⁰ MÜLLHER, Max Jose. **Carl Hoepcke – O Estruturador do desenvolvimento catarinense**. Florianópolis: Insular, 2007, p.36.

1906, 69% era absorvido pelo mercado interno do Estado, sendo o restante comercializado no mercado extra - estadual” (2007, p.26).

Segundo Pedro, no início do século XX, muda-se o quadro econômico da capital em comparação com as demais áreas do Estado. Em destaque a região do Vale do Itajaí que estava em plena expansão quando afirma:

Embora, no início do século, a Capital estivesse em pleno declínio econômico, o mesmo não ocorria com as demais áreas do Estado de Santa Catarina. A indústria, o comércio e a agricultura, principalmente do Vale do Itajaí, estavam em plena expansão. Desta forma, Florianópolis acabou por ser beneficiada, como Capital do Estado, pelo crescimento econômico das demais áreas. (1994, p.82)

Com o declínio das atividades comerciais presenciado no porto da capital este foi substituído por outros portos como o de Itajaí, São Francisco do Sul e Laguna, pois aqueles apresentavam melhores condições naturais, permitindo reformas constantes visando o avanço tecnológico durante os anos seguintes.

A década de 1920 foi marcada por altos e baixos na economia no país. A oscilação da economia local, “[...] no mercado nacional, ocorrida durante a Primeira Guerra, leva-a sofrer os mesmos efeitos de fases de expansão ou retração da demanda da economia brasileira” (BOSSLE, 1988, p.74). Essa fase caracterizou-se pela redução da produção e de investimentos tanto no comércio quanto na indústria de Santa Catarina, e a política econômica nacional protegendo a exportação do café, atingiu de modo decisivo o comércio catarinense.

De acordo com Ferreira e Pinto (2008, p.389) “[...] a expansão de empresas já existentes e o surgimento de novos estabelecimentos ligados à indústria de base foram importantes sinais do processo de complexificação pelo qual passava a economia brasileira.” Em 1923 foi restabelecida a valorização cambial, após uma reforma monetária cujos objetivos eram outros, como financiar as despesas governamentais.

Na primeira fase da República (1889 - 1930) destacaram-se mudanças não só no campo econômico, mas também na remodelação da cidade, o que causou impactos imprescindíveis no modo de vida da maior parte da população. “Com o advento da República as resistências locais e a política centralista do novo governo se manifestaram aumentando a

distância entre a capital catarinense e a metrópole carioca com a consequente diminuição dos investimentos subsidiados pelo governo central.” (VEIGA, 1993, p.147).

Hercílio Pedro da Luz, florianopolitano, formado em engenharia, foi por três vezes governador ¹¹ do Estado, (1894-1898, 1918-1922, 1922-1924). Foi também o líder da reação republicana contra a junta governativa catarinense em 1891. De acordo com Pedro “[...] no carreamento de recursos estaduais, federais e até internacionais para a cidade de Florianópolis, destacou-se o governador Hercílio Pedro da Luz” (1994, p.83).

No início do século XX aconteceram muitas disputas entre a elite local que buscava os cargos públicos que tinham direitos e vantagens proporcionadas pelo governo. E havia, também, “rixas” entre pessoas do mesmo partido, como é o caso do partido republicano, com o exemplo de Hercílio Luz e Lauro Müller, ambos com muito prestígio na capital.

A partir da década de 1920, proprietários de grandes propriedades do planalto serrano, e também políticos influentes, ficaram insatisfeitos com o governo dos republicanos, os quais, “[...] para eles, defendiam os interesses dos grupos ligados às atividades comerciais e industriais. A constituição de um grupo de oposição às forças governistas tinha relação com as mudanças na estrutura tributária do estado desde o primeiro governo de Hercílio Luz (1894-1898)” (NECKEL, 2003, p.37). Aos poucos os políticos do planalto catarinense ocupariam a política do estado de Santa Catarina.

A receita do Estado era totalmente dependente dos impostos sobre a exportação dos produtos produzidos na lavoura. Para realizar as mudanças estruturais e urbanas em Florianópolis era necessário recurso financeiro. Durante os anos que se seguiram, intensificaram-se as discussões sobre as contínuas modificações na topografia da capital, nesse sentido passaram a uma “[...] nova ordem e de um novo modo de vida” (NECKEL, 2001, p.53).

No contexto de uma nova cidade “[...] a área central de Florianópolis passou por inúmeras reformas e melhoramentos: em 1909, foram instaladas as primeiras redes de água encanada; entre 1913 e 1917, foi construída a rede de esgotos; em 1919, instalada a

¹¹ Usava-se anteriormente a década de 1930 o termo “Presidente de Santa Catarina” para designar o Governador do Estado.

iluminação pública com energia elétrica [...]” (PEDRO, 1994, p.81), sendo assim “[...] a colonização sofreu novo impulso e as rendas do Estado subiram” (CABRAL, 1970, p.291).

A imprensa teve o papel principal no que se refere a destacar e caracterizar o novo regime político republicano, sempre reforçando o progresso com um discurso liberal e positivista. “A publicidade também se articulou às novas demandas da vida urbana do início do século XX e, no que diz respeito à imprensa periódica, transformou-se na sua principal fonte de recursos” (LUCCA, 2005, p.123).

O período do estabelecimento da República em Santa Catarina, não foi pacífico como relatam os periódicos da época. Havia uma grande insistência por parte do jornal “O Dia” do Órgão do Partido Republicano Catarinense, em não reconhecer a instabilidade social. Por meio de documentos oficiais, com a publicação de Leis e Decretos e com opiniões, direcionava a ordem e à tranquilidade na vida social, econômica e política do estado catarinense. Entre as elites dirigentes do novo regime com espírito reformador destacam-se: Hercílio Luz, Felipe Schmidt e Lauro Müller. Hercílio Luz e Lauro Müller ambos engenheiros, representavam a reorganização da sociedade que era imposta de cima para baixo, segundo a visão desses dois expoentes da vida política catarinense e nacional.

Para a intensificação da vida urbana na Ilha de Santa Catarina, e o alargamento das vias públicas, foram realizadas muitas desapropriações de propriedades particulares, sendo assim essas mudanças promovidas pelo interesse governamental conferiam a cidade um aspecto mais “evoluído”. Outra modificação realizada na cidade foi o Regulamento para o serviço de instalação da rede de esgotos de 1913. O Decreto nº730/1913¹² publicado no jornal “O Dia”, no ano de 1913, mencionava vários tópicos a serem cumpridos para a execução do serviço.

Destaca-se no regulamento de 1913 que os proprietários de casas e prédios comerciais deveriam ter um plano de construção aprovado pela estrutura pública estadual, e deveria seguir as instruções recomendadas pelo decreto, desde a medição, ao tipo de terreno etc.¹³

¹² O Coronel Vidal José de Oliveira Ramos, Governador do Estado de Santa Catarina, usando da autorização que concede o artigo 5º da lei nº 917 de 18 de setembro de 1911, aprovou o Regulamento, assinado então pelo Secretário Geral de negócios do Estado, para estabelecer a rede de esgotos na Capital.

¹³ “Decreto (nº730/1913) o Regulamento para o serviço da instalação da rede de esgotos” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 7 de maio de 1913, Nº7.173

Aqueles que não seguissem os regulamentos eram multados. Mas, as melhorias na capital do estado não foram tão uniformes, ficando muitos perímetros urbanos sem rede de esgoto até o ano de 1928, devido ao seu alto custo para instalação. Assim como destaca Neckel:

[...] o alto custo de sua instalação domiciliar dificultava o acesso a esses serviços, por grande parte da população que, mais uma vez ficara excluída e desconsiderada nestas modernas reformulações urbanas. Tanto que em 1928, várias ruas no perímetro urbano continuaram a margem da rede de esgotos, além de ser elevado o número de casas sem as devidas instalações, persistindo no uso das consideradas fossas anti-higiênicas.” (2003,p.89)

Florianópolis precisava se remodelar tanto estruturalmente como socialmente. É certo de que essas transformações em Florianópolis beneficiavam uma camada da população, e excluía de modo gradual a outra camada que não correspondia às expectativas das transformações republicanas na cidade. “Portanto, as reformas urbanas, realizadas em Florianópolis no início do século XX, dependeram principalmente da força da sua elite política [...]” (NECKEL, 2003, p.55).

É preciso salientar que nem todas as pessoas residentes na cidade tinham acesso comum aos periódicos veiculados naquele período. A maior parte da população ainda fazia uso, segundo Pedro, dos “[...] pasquins, bem como conversas, as redes informais de comunicação, [que] tivessem maior eficácia que os jornais” (1994, p.32). Já a camada “letrada” tinha acesso aos periódicos que chegavam direto dos centros maiores. Os jornais veiculados para a população em geral não passavam de um “mix” de vários recortes de notícias, em que os articulistas muito engajados com o que se passava nos grandes centros, faziam seleções de acordo com o gosto da população local.

Cabe ressaltar que o número de pessoas alfabetizadas era diminuto. “A República como fato consumado e que atingia a todos esteve muito mais ligada à questão da definição e controle do estado do que a preocupação com os destinos da nação brasileira” (NECKEL, 2003, p.24). O jornal “O Dia”, do Órgão do Partido Republicano Catarinense, era de fato direcionado há um público específico, como é possível perceber nesse trecho:

É uma lástima percorrer a Ilha onde a população é indolente , irresoluta para qualquer trabalho ou iniciativa, as crianças barrigudas e amarellas, os campos quasi

sem gado e sem cultura, enfim a mizéria e a moléstia. Algumas medidas em benefício deste estado de coisas seria patriótico e humanitário.¹⁴

Florianópolis era uma cidade pacata, dita de interior. Suas ruas eram estreitas, cheias de casas, e o comércio era pouco movimentado, o transporte era feito através da tração animal¹⁵. Nessa descrição feita pelo jornal do órgão do partido republicano catarinense “O Dia”, do ano de 1913, fica evidente que “a antiga vila era incompatível com a nova ordem política e social que se instaurava” (NECKEL, 2003, p.54).

O controle e a “disciplina” para a população foi o método mais eficaz para realizar o processo de “[...] exclusão e delimitação dos espaços para a pobreza urbana, em Florianópolis [...]” (PEDRO, 1994,p.159). Era necessário modificar o hábito local, considerados impróprios pelo governo republicano e mal vistos pela elite que compunha Florianópolis nos primeiros anos do século XX.

Através do uso dos periódicos, muitos intelectuais publicavam artigos em relação às populações litorâneas com teor negativo, reforçando assim o preconceito e utilizando-se do argumento que “o momento atual parecia oportuno para a execução desse plano de verdadeira salvação nacional”¹⁶, pois desconsideravam totalmente os seus costumes e o seu modo de viver. Não foi fácil “adequar” a população litorânea ao novo ritmo de vida de uma cidade em crescimento, visto que o “marasmo¹⁷” dos pescadores, mencionado por Neckel, é contestado em nome da modernidade:

[...] estes intelectuais, desconsiderando as dificuldades de sobrevivência e os modos de vida de muitos habitantes, acabaram por contribuir para a constituição de preconceitos e imagens negativas contra a população pobre que vivia no litoral, como os pescadores que tendiam a permanecer, durante longos períodos, à beira-mar, aguardando as condições do tempo e da maré. Esse “marasmo” irritava aqueles que desejavam imprimir à capital e a seus habitantes o ritmo agitado dos grandes centros urbanos. (2003, p.45)

O trabalho contínuo, assíduo e remunerado passou a fazer parte na pauta dos discursos do governo republicano. Ou seja, anteriormente a relação com “[...] a medição do tempo

¹⁴ “Colonização e Saneamento da Ilha” - **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense.** Florianópolis, 16 abril de 1913, Nº7.157

¹⁵ “Florianópolis na sua vida intensa. A capital do Estado – Um projeto maravilhoso. Vários aspectos. **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense.** Florianópolis, 1913, Nº 7.116

¹⁶ ADDUCI, Fúlvio Coriolano. “Em prol de nossa Ilha” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense.** Florianópolis, 11 abril de 1913, Nº 7.163

¹⁷ O termo citado pela autora faz referência ao modo de vida e de trabalho do pescador, sua atividade de trabalho era conciliada com as tarefas domésticas, e tinha, portanto como meio de orientação o ritmo da natureza.

[estava] comumente relacionada com os processos familiares no ciclo do trabalho ou das tarefas domésticas” (THOMPSON, 1998, p.271).

1.2 A Companhia Hoepcke e sua atuação no cenário econômico em Santa Catarina.

A emigração alemã, que aconteceu em grande escala, a partir da segunda metade do século XIX, “[...] teve como principal responsável à tremenda crise que antecedeu a unificação da Alemanha” (REIS, OLIVEIRA e KLUG, 1999, p.25). Nesse sentido, Carl Franz Albert Hoepcke fez parte desse grande contingente de imigrantes que pelo Brasil se estabeleceu. Ele foi um grande empreendedor na cidade de Florianópolis e em nosso Estado de Santa Catarina. Imigrou para o Brasil em 1863, partindo do Porto de Hamburgo, na atual Alemanha, com sua mãe e dois irmãos, enfrentando muitas dificuldades. Cabe ressaltar que todos os imigrantes oriundos de outros países passaram por situações parecidas para se adaptar ao novo país. Eles contribuíram não somente para o desenvolvimento do nosso Estado, bem como para a diversidade cultural que hoje conhecemos.

Carl Franz Albert Hoepcke e sua família foram estabelecidos em um lote colonial assim que chegaram à colônia Blumenau, lote que seu tio materno Ferdinand Hackradt recebeu de Dr. Blumenau, quando era anteriormente associado a ele em um empreendimento agrícola e industrial as margens do rio Itajaí. Após três anos vivendo na colônia Blumenau, Carl Hoepcke recebeu o convite de seu tio Hackradt para vir morar em Desterro, em 1866, e trabalhar como contador nos negócios de seu tio.

Carl Hoepcke passou a assumir também relações com o exterior, como cônsul da Alemanha no Brasil, primeiramente de forma temporária. Em 1879, Ferdinand Hackradt sofreu um derrame cerebral, e então foi substituído de modo definitivo por seu sobrinho Carl Hoepcke, que deixou a função de Cônsul Geral somente em 1904, passando a assumir a posição de Cônsul Honorário até 1924. Em 1887 após o falecimento de Ferdinand Hackradt, e o afastamento de Fernando Hackradt Junior do país, Carl Hoepcke assumiu a organização comercial de seu tio.

Na época em que Carl Hoepcke veio para Desterro já havia alguns comerciantes estabelecidos na cidade. “Dentre eles pode-se citar os nomes de Ulrich Haeberle, von Feuerbach, Johann David Dilleberger, Eduard Gottlieb Otto Horn, André Carlos Ebel,

Ernesto Beck, Gustav Kirbach, Ernesto Vahl e Ferdinand Hackradt, dentre outros” (REIS, OLIVEIRA e KLUG, 1999, p.96). É notável os nomes de origem alemã encontrados em Desterro do século XIX, muitos destes envolvidos com o comércio, e que realizavam sociedades entre si. Ferdinand Hackradt, tio de Carl Hoepcke mencionado entre os imigrantes tinha grande influência política e econômica no estado.

Carl Hoepcke “[...] transformou a sociedade Fernando Hackradt & Cia de um negócio voltado ao mercado varejista, com alguma representação local, numa nova e abrangente empresa: Carl Hoepcke & Cia, atacadista e espinha dorsal do comércio, da economia e da industrialização catarinense” (MÜLLER, 2007, p.34). Portanto, Carl Hoepcke ampliou e diversificou os negócios de seu tio e tornou-se líder notável na importação e comercialização catarinense em 1888. Com o passar do tempo, foi criada a Companhia de Navegação (1895), o Estaleiro Arataca (1907), e algumas fábricas na cidade, dentre elas a Fábrica de Pontas Rita Maria (1896), Fábrica de Gelo (1897) e Fábrica de Rendas e Bordados (1913), todas localizadas no mesmo complexo industrial.

Nesse sentido a Firma Carl Hoepcke & Cia originou-se de uma casa comercial de que Carl Hoepcke se tornara sócio. Este comércio varejista e atacadista foi ampliado para os negócios de importação e exportação, através de navios que a própria firma fretava, possuindo alguns. Com o desenvolvimento desse empreendimento inicial e a devida acumulação do capital foram fundadas a Fábrica de Pregos Rita Maria e a Fábrica de Rendas e Bordados, tendo sido também criado o Estaleiro Arataca. (BOSSLE, 1988, p.37)

Carl Hoepcke teve também uma pequena participação em um dos maiores ciclos econômicos da história do sul do Brasil, a erva mate. Com a abertura de estradas permitindo o acesso ao Planalto, por via da estrada Dona Francisca, ligando assim Joinville a demais áreas como: São Bento do Sul, Mafra, Rio Negro e Porto União. Essa estrada que liga o Planalto e o Litoral foi conhecida como a via do mate, e impulsionou de forma decisiva o crescimento das cidades portuárias com destaque para São Francisco do Sul ¹⁸.

As filiais de Carl Hoepcke mais notáveis desse período, além da matriz em Desterro, eram: São Francisco do Sul, no qual a atividade portuária era intensa, e em Laguna, “[...] foi devido ao porto que a cidade urbanizou-se. Especialmente em função [porto] surgiram às várias casas comerciais” (PEDRO, 1994, p.26).

¹⁸ MÜLLER, Max Jose. Carl Hoepcke – O Estruturador do desenvolvimento catarinense. Florianópolis: Insular, 2007, p.57

1.3 A instalação da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke no centro da cidade de Florianópolis em 1913.

Destaco a aquisição feita por Carl Hoepcke, da antiga Fábrica de Rendas e Bordados, criada por Ricardo Ebel e Carl Hoepcke, e demais sócios no dia 1º de outubro de 1913. A Fábrica de Rendas e Bordados foi inicialmente denominada sob razão social de “Ricardo Ebel e Cia” em (1913), e posteriormente foi alterada para “Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke, Irmão e Cia de Florianópolis” em (1917), após a saída de Ricardo Ebel da sociedade.

A fábrica localizava-se nos altos da Rua Felipe Schmidt, na região central de Florianópolis e manteve-se em atividade de 1913 a 1979, quando foi transferida para outro local, no bairro Roçado, na cidade vizinha de São José. Ainda há a antiga edificação da fábrica neste local, na região central de Florianópolis, mas está desativada¹⁹.

Figura 1- Localização geográfica da edificação da antiga Fábrica de Rendas e Bordados.



Fonte: Google Maps

¹⁹ É importante frisar que esta edificação é tombada pelo patrimônio, e está passando por um processo de restauração e revitalização.

Figura 2 - Prédio da Hoepcke, em cartão postal da década de 1960.



Fonte: arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com

Figura 3 - Edificação da antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke, 2018.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Devido à acumulação de capital proveniente do desenvolvimento de outras atividades comerciais da Companhia Hoepcke, foi criada em 1913 a Fábrica de Rendas e Bordados, “[...] tinha por finalidade, desenvolver uma indústria têxtil na Ilha de Santa Catarina, bem distante

do pólo fabril desenvolvido pelos alemães no Vale do Rio Itajaí, região que até hoje, possui uma das maiores concentrações de indústrias têxteis do Brasil” (REIS, OLIVEIRA e KLUG, 1999, p.122). Apesar de Florianópolis não ter sido movida pela indústria têxtil como as demais regiões, o tempo em que a Fábrica de Rendas e Bordados esteve em atividade na região central de Florianópolis (até 1979), teve um papel importante não só para a economia do Estado, bem como para a população local que teve acesso a um trabalho remunerado.

No início do século XX, em Florianópolis, não havia muita opção em relação ao mercado de trabalho formal. Apenas era considerado trabalhador(a) aqueles(as) que exerciam atividades em empresas, nas fábricas e no comércio. Para as mulheres a situação era mais difícil, por serem projetadas pela sociedade com o “papel de esposa e mãe”, inclusive para as mulheres da elite. Para muitos trabalhadores(as) restava muitas vezes atividades em caráter informal como meio de sobrevivência, e que não se aplicava a categoria de produtividade como os demais mencionados. Sendo assim “[...] as poucas indústrias existentes na cidade subaproveitaram a mão de obra feminina, no [...] caso da indústria de bordados do grupo Carl Hoepcke, [que] utilizavam mão de obra eminentemente feminina [...]” (PEDRO 1994, p.160).

A Fábrica de Rendas e Bordados, além de empregar muitas pessoas de ambos os sexos, predominando um número expressivo de mulheres em cada setor de produção, prestava serviços de lavagem química²⁰ neste mesmo prédio, para a lavagem de roupas para homens, senhoras e crianças, assim como mencionado pelo jornal “O Dia”, de 1914. Tinha como objetivo preencher uma lacuna de mercado, pois a lavagem química anteriormente tinha de ser enviada ao Rio de Janeiro²¹. Porém a solicitação dos serviços de lavagem era feita por meio de Leisner Irmãos, localizado na época na Rua Conselheiro Mafra nº44.²²

A Fábrica criada por Ricardo Ebel & Cia, teve objetivo de explorar a indústria e o comércio de tiras e cassas²³ bordadas, renda, rendões e gêneros semelhantes, sendo que esse tipo de fábrica era pouco explorado no Brasil, o que prometia resultados rápidos compensando o capital nela investido pelos acionistas. De acordo com Goularti (2002, p.80)

²⁰ Entende-se por lavagem química um processo em que adicionava-se um tipo de solvente ao tecido, uma lavagem a “seco.”

²¹ “Lavagem Química”. Ricardo Ebel & Cia. Fábrica de Rendas e Bordados. **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 1914, Nº 07516 (2).

²² “Lavagem Química”. Ricardo Ebel & Cia. Fábrica de Rendas e Bordados. **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 1914, Nº07522.

²³ Termo usado para se referir ao tecido de algodão ou linho muito transparente.

“No início do século XX, começam a se consolidar os setores que comandariam a economia catarinense até o início dos anos 60: têxtil, madeireiro e alimentar”.

Ricardo Ebel já havia adquirido experiência no setor têxtil, trabalhando durante 8 anos e seis meses em um ateliê de uma grande fábrica situada em St. Gallen, na Suíça. Ele trouxe consigo esse conhecimento, e também contratou especialistas sobre o método de bordar e no alvejamento. Em publicação, o jornal “O Dia”, com o título “*Uma nova indústria*”, menciona:

O sr. Ricardo Ebel que é um moço insinuante e trabalhador esteve 8 annos na Europa trabalhando em fábricas , sendo que estudou detidamente em o attlelie em uma grande fábrica de cassa bordada situada em St Gallen na Suíssa tendo ultimamente permanecido 6 meses no velho mundo adquirindo o mecanismo e o material aperfeiçoado e contratando um mestre em bordar e 1 de alvejamento para dirigirem esses serviços em seu início. A fábrica produzirá bordados, tiras bordadas, cassas bordadas, rendas, rendões, fio de filó, de seda etc.²⁴

É importante salientar que durante o ano de mil novecentos e catorze (1914) as empresas de Carl Hoepcke, e as quais ele fazia parte como sócio, ficaram sob suspeição devido à 1ª Guerra Mundial. A Inglaterra tinha uma “*lista*” com nomes de pessoas e empresas alemãs e austríacas com os quais foi proibido se fazer comércio. Foi durante o período da guerra que se tornou difícil toda a atividade da vida comercial e industrial em nosso país. Mesmo em uma situação delicada durante a Primeira Guerra Mundial, questões financeiras prevaleceram as questões de natureza política, tendo como exemplo a carta enviada em 1916 a Empresa de Navegação Hoepcke pela Kittel and Co., da Inglaterra com a venda de vapores, barcos de pesca e carvão.

A Fábrica de Rendas e Bordados importava o tecido e o fio do algodão da Inglaterra e da Suíça. Não podendo mais importar daqueles países esses insumos acabou por recorrer pelo tecido e fio de algodão nacional, no ano 1915. De acordo com Suzigan (2000, p.59), “De fato, em 1915-1916 o preço do algodão aumentou mais de cem por cento em consequência da seca nas regiões produtoras do Norte e Nordeste. A escassez de algodão levou a importação de algodão norte americano [...]”. A Fábrica passou então um momento difícil e quase fechou as portas.

²⁴ EBEL, Ricardo Otto. HOEPCKE, Carl. “Ricardo Ebel &.C. Sociedade em Commandi por Accsoes” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, julho de 1913, Nº 7.224

A dificuldade de conseguir o fio, tecidos nacionais, segundo nos informou o sr. Beckmann, obrigará o fechamento de tão acreditado estabelecimento, se não houver um amparo de alguém para impedir os obstáculos de momento. O fechamento da fábrica não trará grandes prejuízos aos proprietários, porque são insignificantes serão as despesas com a conservação dos maquinismos e seus pertences. Os que iram sofrer com essa medida, serão naturalmente os pobres operários [...] ²⁵

Houve intensa competição entre as fábricas de algodão nacionais, o valor do tecido passou a ser vendido a preços inferiores, em comparação com os tecidos importados. É preciso salientar que havia uma dependência da indústria brasileira de tecidos de algodão sobre alguns insumos importados, tais como “[...] cáustica, alvejantes, corantes de anilina, etc.” (SUZIGAN, 2000, p.59).

Outro fator que mexeu no balanço da empresa foi à contratação de um número maior de “moças” que executavam a atividade de remendar as falhas, sendo que o fio nacional rompia-se muito facilmente, o que não se aplicava ao tipo de artigo comercializado anteriormente, vindo do exterior. O relatório apresentado a Assembleia Geral do dia trinta de dezembro de mil novecentos e dezesseis, ainda apresentava outra situação crítica que a Fábrica de Rendas e Bordados passou. Foram as paralisações de alguns maquinários, a falta de algodão, e o tamanho das bobinas que não era compatível com o maquinário atual, que afetaram a crise na empresa.

Houve o remanejamento de todo seu maquinário e mostruário de tecidos que tiveram que se adaptar a qualidade inferior da matéria prima nacional. Isso conseqüentemente acarretou uma mudança no valor que era anteriormente vendido aos seus clientes, ditos muito exigentes.²⁶ Todo o equipamento da Fábrica era proveniente da Alemanha “[...] todo ele da marca Vogtl. Maschinenfabrik – Vormals I.C.& Dietrich, fabricado em Plauen, Alemanha.” (REIS, OLIVEIRA e KLUG, 1999, p.127) as demais máquinas adquiridas após 1920 são da marca Vomazg- Zahn, também alemã.

A composição do quadro de sócios da Empresa era, segundo a Assembleia Geral realizada no dia oito de janeiro de mil novecentos e dezessete, pela sociedade comandita por ações Ricardo Ebel & Cia, os acionistas da Fábrica de Rendas e Bordados representados pelos

²⁵ “As Nossas Indústrias: A Fábrica Catarinense de Rendas e Bordados” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 28 de abril de 1918, Nº 8.873.

²⁶ “Fábrica de Rendas e Bordados – Relatório apresentado a Assembleia Geral, em 30 de dezembro de 1916. **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 7 janeiro de 1917. Nº08507 (1)

acionistas: Ricardo Otto Ebel representando 37 ações; Carl Hoepcke sênior representando 70 ações; Adolpho Clasen representando 12 ações; Moellmann & Filho representando 20 ações; Emília Busch representada por Adolpho Clasen representando 6 ações; Germano Beilke representando 4 ações; Marc Moukarzel representando 3 ações.²⁷

Figura 4 – Quadro de acionistas da Fábrica de Rendas e Bordados, ano 1917.

Aos oito dias do mez de Janeiro de mil novecentos e dezesete, presente á rua da Republica, no escriptorio da Sociedade em Commandita por Acções Ricardo Ebel & Cia. os accionistas	
Ricardo Ebel, representando	37 acções
Carl Hoepcke senior, representando	70 acções
Adolpho Clasen, representando	12 acções
Moellmann & Filho, representando	20 acções
Emilia Busch, rep. por Adolpho Clasen, rep.	6 acções
Germano Beilke, representando	4 acções
Marc Moukarzel, representando,	3 acções
Total	152 acções

Fonte: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br>

Percebe-se que havia no quadro de acionistas da Fábrica a presença feminina, mas sendo representada por um homem nas reuniões, isso mostra conforme mencionado por Perrot, “[...] a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas [...]” (2013, p.17). Não se tem maiores informações sobre esta acionista da Fábrica, mas é possível que se trate de uma, entre muitas mulheres que vivia autonomamente de seus próprios negócios²⁸ na vida econômica do estado de Santa Catarina. O jornal “O Dia” de 1911, faz referência a Emília Busch como uma, dentre muitas pessoas que foram donatários, para ajudar no reerguimento da cidade de Blumenau, após a cidade ter passado por uma grande inundação em 1911.²⁹

No decorrer desta mesma Assembleia Geral, o Conselho Fiscal apresentou irregularidades no serviço de escrituração e do escritório. A conta particular do gerente da

²⁷ “Fábrica de Rendas e Bordados Ricardo Ebel & Cia. Sociedade em comandita por ações - Assembleia geral realizada no dia 8 de janeiro de 1917.” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense.** Florianópolis, 14 de janeiro de 1917, Nº 08514 (1)

²⁸ PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994, p.129.

²⁹ “Inundação em Blumenau”. **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense.** Florianópolis, 1911. Nº04943(1).

Fábrica Ricardo Ebel, mostrou débito excessivo, e assim, o Conselho fiscal pediu mais explicações. Ricardo alegou ter muitas despesas com sua residência e seu pequeno laboratório químico. Entretanto, pelo Estatuto da Fábrica, o sócio não poderia ocupar negócios alheios. Ebel foi reprovado por esse tipo de atitude e, em fevereiro de 1917, Ricardo Ebel deixa o cargo como gerente da fábrica, passa a assumir a gerência da fábrica Adolpho Beckmann. A partir de então a razão social da Fábrica passa a denominar-se “Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke, Irmão e Cia de Florianópolis”.

A produção da fábrica, em 1918 já alcançava não somente as fronteiras do Estado de Santa Catarina, mas conquistou importantes mercados internacionais como Buenos Aires e Montevideú.

A sua produção já transpôs as fronteiras do nosso Estado e lá fora conquistou pela superioridade de sua confecção bem trabalhada, os mais importantes mercados de nosso país. Há dias tivemos sciencia de que a fábrica recebera da directoria do centro industrial do Brasil um convite para se fazer representar na exposição de tecidos nacionaes que o nosso governo pretende realizar em Montevideo e Buenos Aires.[...] ³⁰

Além de reconhecida internacionalmente, a fábrica abrangia um grande mercado dentro do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em mil novecentos e dezoito, recebeu do Instituto Técnico Industrial do Rio de Janeiro a honrosa distinção, acompanhada de uma carta que felicitava sua produção do estabelecimento industrial, diploma conferido a Fábrica de Rendas e Bordados pelos serviços de ótima qualidade prestados³¹. Teve seu quadro de funcionários crescendo a cada ano. Em 1935 contava com cerca de 200 operarias(os), em 1945 com 300 operárias(os), é um número expressivo que demonstra que mesmo com os percalços enfrentados nesse período, a Fábrica de Rendas e Bordados conseguiu consolidar a sua participação no ramo têxtil.

³⁰ “As Nossas Indústrias: A Fábrica Catarinense de Rendas e Bordados” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 28 de abril de 1918. Nº 8.873.

³¹ “Fábrica de Rendas e Bordados - Honrosa Distinção”. **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 2 de julho de 1918. Nº09055(1)

2. O TRABALHO FEMININO

A figura da mulher foi retratada como “frágil e indefesa” de modo exaustivo, seja por romances, pela imprensa, pela iconografia, e pela literatura. De acordo com Perrot em seu estudo *Minha história das mulheres* “As mulheres sempre trabalharam [...] Nem sempre as mulheres exerceram ofícios reconhecidos, que trouxessem remuneração. Não passavam de ajudantes de seus maridos, no artesanato, na feira ou na loja” (PERROT, 2013, p.110).

O trabalho feminino teve sua trajetória modificada por diversos fatores: a política de industrialização de bens e consumo que possibilitou a existência da mão de obra feminina em especial nas indústrias fabris; o recebimento de salário fixo; ter uma profissão, e também mudanças que ocorreram no contexto histórico como guerras, migrações do campo para a cidade, etc. Há que se destacar as mudanças do contexto histórico que ocorreram entre os fins do século XIX e início do século XX na Europa e que modificaram o quadro atual da vida das mulheres assim como menciona Perrot:

Por muito tempo aparentemente imóvel, a vida nos campos muda, e a das mulheres também. Por influência do mercado e das comunicações. Pela industrialização. Pelo êxodo rural. Pela ação das guerras, principalmente a de 1914-1918, que esvaziou o campo de seus jovens e transferiu uma parte de suas tarefas e de seus poderes para as mulheres: elas aprendem a lavar a terra, gesto viril, e a gerenciar seu negócio. Esses fatores acumulados modificaram o equilíbrio das famílias e as relações entre os sexos e mudaram a vida das mulheres. (2013, p.113).

O campo de pesquisa é vasto para se trabalhar com a presença feminina na história, se consultarmos como exemplo os “[...] arquivos públicos. Os arquivos policiais e judiciários, são os mais ricos no que concerne às mulheres.” As mulheres de maneira geral, são sempre vistas e classificadas com identidades coletivas “[...] na qualidade de mães, donas de casa, de guardiãs dos víveres etc. Usam-se estereótipos para designa-las e qualifica-las [...]” (PERROT, 2013, p.21), portanto escrever sobre a história feminina é essencial para introduzir novos questionamentos e estimular outras pesquisas sobre o tema.

Foi durante a segunda metade do século XIX, que a maior parte das cidades brasileiras “[...] prosperaram em tamanho e em complexidade social e econômica” (HAHNER, 2003, p. 67). Houve muitos debates sobre a igualdade entre os gêneros em diversos países. Nos Estados Unidos, tal discussão emergiu juntamente com a campanha pela abolição da escravidão, pela reivindicação dos direitos políticos para os negros. “No Brasil, também, o grande impulso para a luta do sufrágio feminino teve início com as campanhas abolicionistas

e republicanas. Já em 1875, o jornal feminino do Rio de Janeiro, “O Sexo Feminino” reivindicava o voto para as mulheres” (PEDRO, 1994, p.92).

No Brasil estudos sobre as mulheres adquiriram maior visibilidade a partir da década de 1970, e a partir de 1980 ampliou-se o leque de possibilidades das perspectivas estudadas. “As mulheres que habitavam cidades maiores tiveram seus cotidianos, de certa forma, transformados pela introdução do trabalho externo e pela busca por uma carreira [...] O crescimento das cidades e as novas necessidades de mão de obra fora, para o país [foram] chamarizes de novas oportunidades para a mulher” (ANGELO, 2015, p.82).

Com o advento da República (1889) e o novo regime republicano no poder, “[...] embora no ideário da República brasileira contasse a igualdade, a cidadania para todos concretizava-se apenas os homens alfabetizados que podiam participar da esfera pública política, votando e sendo eleitos [...]” (PEDRO, 1994, p.91). O feminismo e as discussões sobre a “emancipação da mulher” apareciam em inúmeras notícias, crônicas e piadas nos jornais de Desterro/Florianópolis, e grande parte das notícias eram recortes selecionados pelos articulistas locais para divulgação na cidade.

Em publicação divulgada pelo jornal “O Dia”, do Órgão do Partido Republicano Catarinense do ano de 1913, a matéria intitulada “*Feminismos...*” o redator fala sobre a presença feminina no senado do estado do Colorado nos Estados Unidos, e destaca a presença de uma “senhora” que foi eleita pela população. No decorrer do artigo ele indaga perguntas como: “*Andam bem os americanos?*” “*Deve-se levar tão longe o feminismo?*” Ainda no decorrer do artigo se refere às mulheres no coletivo, qualificando-as, quando se refere que “*às mulheres americanas são diferentes das mulheres dos outros países.*” É perceptível ver que a posição do redator compactua com o mesmo princípio normativo em que a mulher deveria servir ao lar, quando declara: “*Dentro de pouco tempo será um grande perigo casar na América do Norte... Ter como mulher uma virago de 90 kilos, músculos de aço e que, além disso, só pensa na cousa pública... Não sorri a ninguém... Deus nos preserve dessas modas.*”³²

O alcance do feminismo nas grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo durante meados do século XIX e início do XX não pode servir como base para a introdução do feminismo em Desterro/Florianópolis, pois, “[...] o primeiro jornal feminino de Florianópolis

³² “Feminismos...” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense.** Florianópolis, 21 de janeiro de 1913. NºA07116 (1)

surgiu em 1918, e nem sequer reivindicava o voto feminino: reproduzia, na verdade, imagens de mulher ligadas a uma “missão”, que as destinava às funções de esposa e mãe” (PEDRO, 1994, p.92).

De acordo com Harner no Brasil as primeiras defensoras dos direitos da mulher viam a educação como uma chave para a emancipação feminina e a melhoria de status. Com a lei da reforma educacional de 1879, algumas viam na educação superior uma maneira das mulheres assumirem ocupações de maior prestígio. Porém as mulheres das classes populares, que não tinham acesso a uma educação superior, não tinham escolha a não ser trabalhar para sobreviver. “Poucas se juntavam aos sindicatos ou participavam do incipiente movimento feminista, que cada vez mais se voltava para a questão do sufrágio” (HAHNER, 2003, p.255).

A educação das mulheres foi “aceita” pelos homens brasileiros considerados progressistas, em prol de uma educação visando à maternidade. Todavia “[...] as mulheres podiam influir socialmente no âmbito do lar, mas não no contexto da vida pública” (HAHNER, 2003, p.171). A inserção na educação superior e posteriormente ao trabalho, só foi possível se “adequando” as normas “morais” da época. O mercado de trabalho para estas mulheres era reduzido a funções “ditas femininas” como: professora, médica, etc., nem todas as mulheres eram consideradas “trabalhadoras”. O trabalho assalariado regeu essa divisão entre elas.

Em Florianópolis, Pedro chama atenção para essa divisão sobre as trabalhadoras informais na cidade, e o que era ocultado nos jornais da época, inclusive entre os primeiros anos da República “[...] não se destacava a proprietária, a lavadeira, a mulher que escalava o peixe, que fazia a farinha, que plantava que colhia; enfim, não interessavam as inúmeras atividades que eram exercidas pelas mulheres. Somente seus papéis familiares na relação com os homens é que contavam” (PEDRO, 1994, p.17).

Havia uma grande presença feminina das mulheres das camadas populares nas ruas do centro urbano de Desterro/Florianópolis, no final do século XIX e início do XX, onde elas improvisavam inúmeras formas de sobrevivência.³³ Com o novo regime do governo republicano no poder, aconteceram mudanças estruturais e sociais na cidade. A saúde pública foi algo colocado em pauta, visto que nesse período havia uma disseminação muito grande de

³³ PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994, p.115.

doenças, como sarampo, varíola, tuberculose etc., devido à ocupação desordenada no centro da cidade e a falta de saneamento básico.

Estas medidas visaram não somente acabar com a epidemia de doenças, mas “ajudaram” de certa forma a delimitar os espaços públicos que eram ocupados em grande maioria por trabalhadores informais, de fato as medidas de higiene pública, afetou de modo direto o cotidiano de trabalho dessas mulheres que viviam autonomamente de atividades consideradas insalubres pelo governo, com o exemplo das lavadeiras no centro da cidade, dentre muitas outras profissões exercidas por elas, como menciona Pedro:

Tal política encontrou entraves na resistência das mulheres e na fraca acumulação que se processou na cidade, apresentando um precário mercado de trabalho formal. Isto resultou em que, apesar dos investimentos do poder público, as mulheres da cidade, por força da própria busca de sobrevivência, mantiveram formas costumeiras de ganho, extrapolando os papéis de esposa e mãe destinados a elas pelas imagens idealizadas que circulavam e pelas quais eram julgadas. A infinidade de atividades que desempenharam, no afã de sobreviverem, caracterizou resistências às imagens que eram divulgadas, que tiveram, para as diversas classes sociais, diferentes implicações. (1994, p.115)

É interessante perceber que em Desterro já havia ocupações tradicionalmente desempenhadas pelas mulheres, com o exemplo da produção de tecidos, desempenhada pelas mulheres de origem açoriana nos teares. “Os teares pertenciam à tradição açoriana e eram trabalhos eminentemente femininos. A primeira referência à produção de tecidos data do século XVIII. “Destinavam-se à confecção de roupas da família, e parecia ser comum entre os primeiros moradores a existência de teares nas casas” (PEDRO, 1994, p.52). Outra atividade desempenhada era a renda de bilro e o crivo. É importante salientar que “[...] as rendeiras passavam de casa em casa vendendo seus trabalhos, não apenas rendas, mas produtos alimentícios e acessórios para a casa como bordados [...]” (ANGELO, 2015, p.75). Outra atividade exercida também por mulheres foi à fabricação de farinha de mandioca. “A produção da farinha de mandioca contava com o trabalho das mulheres em todas as suas fases. Desde o plantio até a colheita e fabricação” (PEDRO, 1994, p.123).

Dentre as mulheres da camada popular que exerciam seus ofícios de modo informal em Desterro/Florianópolis em meados do século XIX e início do século XX, destacam-se as mulheres negras, ex - escravas, que assumiam os piores tipos de trabalho, impossibilitadas de conseguir um emprego formal, e pela dificuldade que enfrentaram após a “abolição” exerciam variadas atividades, eram quitandeiras, lavadeiras, e parteiras, etc. De acordo com Pedro “[...] o ofício de ser parteira parece ter sido, na área urbana, uma forma de numerosas mulheres

conseguirem alguns trocados. Os relatórios de salubridade denunciavam que qualquer preta velha, sem meios de ganhar a vida, improvisava-se de parteira [...]” (1994, p.128).

Sejam mulheres da elite, da classe média urbana, ou popular, essas mulheres desempenharam junto com os papéis “normativos” estabelecidos e enraizados na sociedade outras inúmeras funções “[...] muitas mulheres em Florianópolis, além de esposas, mães, filhas, etc., foram também lavadeiras, agricultoras, doceiras, vendedoras, prostitutas, empresárias, comerciantes, professoras, funcionárias públicas, bancárias, etc.[...]” (PEDRO, 1994, p.107). É possível perceber que havia a presença feminina maciça no centro da cidade, e que se fazia presente nos primeiros anos da República, desafiando mesmo que de modo não tão decisivo para a época, mudanças significativas que vieram a se transformar no espaço hoje conquistado pela mulher, o mercado de trabalho.

2.1 O cotidiano de trabalho das operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke.

A Fábrica de Rendas e Bordados foi a principal indústria da cidade que recrutou em maior número mão de obra feminina. O papel ocupado pelas mulheres no mercado de trabalho formal em 1920, demonstrava que as mulheres ocupavam 63,30% da mão de obra na indústria.³⁴

É importante frisar que na cidade o número de estabelecimentos na contratação de funcionários assalariados, contrastava com um grande número de trabalhadores autônomos que realizavam seus ofícios em caráter informal. De acordo com Schmitt “[...] nas décadas iniciais do século XX, a proliferação do trabalho informal era predominante não só em Florianópolis; era um fenômeno nacional. Por isso, quando se fala de trabalho nesse período aparece uma profusão de trabalhadores ocasionais, que abasteciam as famílias, nas portas das casas, no Mercado Público, ou mesmo nas ruas” (2001, p.61).

Pouco se sabe do cotidiano de trabalho das operárias da Fábrica de Rendas e Bordados, mas é possível analisar o contexto no qual essas mulheres estavam inseridas por meio das fontes impressas publicadas da época, entretanto o uso dessas fontes deve levar em consideração informações essenciais que nos levam a compreender o período em análise como “[...] área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e

³⁴ SOUZA, Jéssica Duarte. **Trabalho e Raça: Perfil dos(as) Trabalhadores(as) da Fábrica de Pontas Rita Maria no Pós- Abolição** (Florianópolis,1894-1930)Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.38.

financeiros” (LUCCA, 2005, p.116). Portanto, o uso dos periódicos, não podem ser considerados pelo pesquisador(a) como mero receptáculo de “verdades”, mas é utilizada como fonte de investigação para o entendimento do passado, que não é estático, e que portanto serve de base para compor-se o presente.

Para compreender o papel que essas mulheres ocupavam dentro da fábrica, utilizando-me de fontes impressas analisei em especial uma publicação do jornal “O Dia”, do Órgão do Partido Republicano Catarinense do ano de 1918, jornal que foi o porta voz do governo de Felipe Schmidt. O artigo intitulado de “*As Nossas Indústrias*” fazia referência a Fábrica de Rendas e Bordados, a narrativa era de uma visita aos setores de trabalho desta fábrica, sendo o guia da visita o gerente Sr. Adolpho Beckmann.

O artigo destaca a localização desta fábrica, que foi considerada na época uma “*construção moderna, em um magnífico local*” que recebia iluminação e profusão de ar ideal para o estabelecimento dessa indústria. A visita ao setor do escritório da fábrica notou-se muitos mapas, plantas e anotações referentes aos mercados de compra desses produtos, que abrangiam clientes de norte a sul do país. Nesta mesma sala, havia um grande retrato em homenagem ao Sr. General Dr. Felipe Schmidt, que nas palavras do autor da matéria foi o “*administrador que se esforçou para desenvolver a indústria*” no Estado de Santa Catarina.

Passando pelas oficinas de trabalho, homens e mulheres trabalhavam, mas as divisões das funções eram bem específicas. As máquinas maiores de bordar trabalhavam apenas alguns homens, as máquinas maiores mediam uns 12 metros de comprimento, sendo estas difíceis de trabalhar. Recebida a matéria prima, o algodão, as máquinas perfuravam o modelo estabelecido. Em outro setor as funcionárias, percorriam as máquinas observando o funcionamento das agulhas e a regularidade dos trabalhos.

No processo de produção a fazenda passava nas mãos de 35 operárias, também brasileiras. Estas trabalhavam no setor que realizava o recorte e acabamento dos desenhos nas máquinas Singer. Após realizar a queima dos fios, a fazenda que já havia sido bordada ia para a sessão de clareamento. Em seguida ia para outro setor que realizava a medição. Logo após ia para a sessão de engoma onde as operárias utilizavam “ferros elétricos” para dar o

acabamento.³⁵ Afirma-se no artigo publicado a empregabilidade de operárias nacionais. Além das mulheres nacionais mencionadas como funcionárias desta fábrica, havia o emprego de meninas, ou seja, menores de idade, que trabalhavam juntas na seção de empacotamento construindo caixinhas.

Havia o “serviço interno” da fábrica aonde trabalhavam 120 operários de ambos os sexos. Constata-se que havia cerca de 100 mulheres trabalhando nesse período de acordo com a publicação do jornal “O Dia”. É destacada a importância da Fábrica de Rendas e Bordados veiculada no jornal, por meio de palavras-chaves que expressavam uma exaltação ao estabelecimento. E reforça-se novamente que o estabelecimento amparava funcionárias “*genuinamente brasileiras*” e que havia na fábrica um grande número de pessoas trabalhando, cerca de 220 trabalhadores e trabalhadoras em 1918.

No jornal “O Dia”, do ano 1918, não foi mencionado nenhuma operária estrangeira. Baseada nas fontes consultadas, é provável que Angélica Beltrami que também foi citada pelo jornal “A Opinião”³⁶, do ano de 1917, fosse uma dessas imigrantes que trabalhavam na fábrica, devido ao seu sobrenome, e a sua posição diferenciada das outras mulheres que trabalhavam na fábrica. Angélica exercia o cargo na direção das operárias que trabalhavam nas máquinas Singer, ela já havia sido mencionada pelo jornal “O Dia”, no ano de 1903, na qual seu nome constava em uma listagem, sendo umas das alunas aprovadas referente a exames da escola Estadual, em que o artigo fazia referência a trabalhos com agulhas.³⁷ A hipótese que se levanta, é que Angélica tenha sido contratada para trabalhar na direção dessas mulheres em um setor específico, pois já tinha experiência, e também pelo fato de que os cargos de gerência e direção eram geralmente direcionados aos imigrantes e descendentes de imigrantes nessa época.

No ano de 1920, dois anos após a publicação do jornal “O Dia”, Angélica foi mencionada pelo semanário “Santa Catarina” em referência a sua “competente direção”. Essa publicação relatava a conquista da fábrica ao prêmio maior do Certamen Internacional realizada na Capital Federal em comemoração ao Centenário da Independência. É importante

³⁵ “As Nossas Indústrias: A Fábrica Catarinense de Rendas e Bordados” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 28 de abril de 1918, Nº 8.873.

³⁶ “Na Fábrica de Bordados 70 operárias brasileiras que protestam contra as acusações do Sr. Horácio Antônio de Maria”. **Jornal A Opinião**. Florianópolis, 21 de dezembro de 1917, Nº 847.

³⁷ “Exames”. **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 15 de dezembro de 1903, Nº00874(1).

salientar que nos primeiros anos após a criação da Fábrica de Rendas e Bordados, havia muitos anúncios no jornal “O Dia” sobre cursos para aprender a costurar nas máquinas Singer.

O curso era oferecido para mulheres, por meio da fábrica, e colocava a disposição uma professora que lecionava costura. O curioso é a possibilidade de se trabalhar em casa. O anúncio de 1914, pelo mesmo jornal, afirmava que “*Precisam-se de moças que saibam bordar nas macchinas Singer, trabalhando, porém em casa. Informações na Fábrica de Rendas e Bordados de Ricardo Ebel & Cia.*”³⁸ Segundo Hahner “[...] atividades femininas tradicionais, como a costura, permitiam às mulheres trabalhar em casa, por muitas horas, e, sem dúvida, também utilizar o trabalho de suas crianças [...]” (2003,p.233).

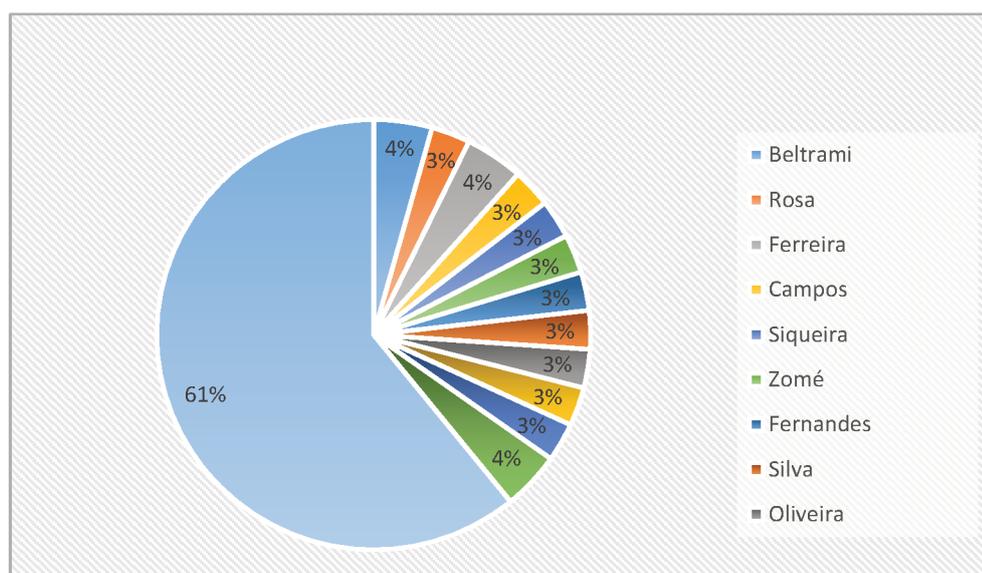
Não se tem maiores informações sobre o funcionamento desse modo de trabalho, mas possivelmente pode ter sido vantajoso para ambos. Devido à falta de acesso a esses arquivos, as informações descritas acima ficaram limitadas aos recortes contidos no jornal, e fica em aberto para futuras pesquisas. Em referência a Fábrica de Rendas e Bordados, os anúncios sobre vagas de emprego no jornal, não trouxeram muitas especificações para a contratação das operárias. Não se sabe qual era o critério de análise para recrutar essas mulheres para o trabalho na fábrica. Com base nas fontes consultadas, é provável que houvesse uma “indicação” para a vaga no estabelecimento.

As relações dos nomes e sobrenomes das 70 operárias mencionadas no jornal “A Opinião”, do ano 1917, nos dá um forte indício de que algumas vagas eram preenchidas por pessoas da mesma família, ou que tinham algum grau de parentesco. Os seguintes nomes mencionados dessas trabalhadoras foram: Angélica Beltrami; Adelina Cardozo; Asteria Gonçalves; Emília da Rosa; Josepha Meira; Anninha Fonerolle; Maria Passos; Nair Guedes; Maria Valgas; Maria Marques; Auta Cardoso; Duartina de Jesus; Diamantina Braga; Maria Julia Areas; Helena Dobes, Catharina Vieira; Celeste Ferreira; Almerinda Cidade; Ilda Silvia; Maria Joanna; Umbelina Maria; Julieta Campos; Martinha Campos; Baziliça Tavares; Alba Siqueira; Maria dos Anjos; Artistotelina Zomé; Estautelia Zomé; Rosa Nunes; Olinda do Livramento; Edwirges de Jesus; Maria Catharina; Amélia Correa; Elsa Ruzziniti; Anastacia Chaneczky; Maria Antonia; Alayde Godinho; Olina Castro; Maria José Barcellos; Otlia Vrand; Mathilde Beltrami; Normélia Ferreira; Laudelina de Oliveira; Ilda Conceição; Benta

³⁸ “Urgente” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense.** Florianópolis, 17 junho de 1914. Nº07550(1)

da Rosa; Maria Coutinho; Ondina Portelli; Olga Seaberh; Julia Vieira; Enestina Vieira; Genoveva Guralky; Alda Vargas; Doralice Siqueira; Belarmina Fernandes; Hendina M. Oliveira; Rosa Lu Vitala; Perilha Fernandes; Leotina Falcão; Supriana Santos; Sybilla Beltrami; Maria Souza; Roamana Ferreira; Christina Costa; Anna da Silva; Maria da Silveira; Lydua Antônia da Silva; Olga Abraham; Angelina Verdieri; Carolina Verdieri.³⁹

Gráfico 1 – Relações dos sobrenomes e o suposto parentesco entre as funcionárias da Fábrica de Rendas e Bordados.



Fonte: Jornal A Opinião. Florianópolis, 21 de dezembro de 1917, Nº 847.

O gráfico acima faz a relação da quantidade de sobrenomes dispostos nas porcentagens: 61% corresponde as operárias que não tinham sobrenomes iguais, 4% corresponde aos sobrenomes Beltrami, Ferreira e Zomé, sendo que havia de cerca de 3 a 4 pessoas com o mesmo sobrenome, 3% corresponde aos sobrenomes Rosa, Campos, Siqueira, Silva e Oliveira, que se repetiram pelo menos 2 vezes na listagem dos 70 nomes que constavam no artigo em listagem no jornal “A Opinião”.

Com base nas fontes por mim consultadas, utilizei-me de uma entrevista já realizada com uma ex-funcionária que trabalhou na década de 1940 nesta fábrica, é provável que essa “indicação” para vagas na fábrica, fosse algo corriqueiro, quando Alda relata que:

³⁹ “Na Fábrica de Bordados 70 operárias brasileiras que protestam contra as acusações do Sr. Horácio Antônio de Maria.” **Jornal A Opinião**. Florianópolis, 21 de dezembro de 1917, Nº 847.

Entrevistadora: E alguém indicou esse emprego prá senhora? **Alda:** Nãoo...foi arrumado...Eu falei com...um senhor... que eu lavava pra fora. E ele me arrumou porque nois era...mui...muito necessitado...af ele arrumou e eu fui trabalha lá não tem.⁴⁰

É cogitado pelo redator do jornal “O Dia” sobre um possível fechamento da Fábrica, em referência a falta de matéria prima. Esse fechamento não iria trazer grandes prejuízos aos donos, e acionistas. “*Os que iriam sofrer com essa medida seriam os pobres operários, inúmeros patrícios nossos, entre os quais se encontra um grande número de moças, que em troca de seu labor diário, recebem sua recompensa para o pão de cada dia.*”⁴¹ Reforça-se o discurso da “falta de trabalho” em Florianópolis, quando afirma: “*E quantas famílias ficaram na miséria em uma cidade como é Florianópolis, aonde não há trabalho suficientemente remunerado?*” Somente os trabalhadores em caráter formal, eram considerados trabalhadores(as). Sendo assim “[...] o discurso dominante [continuava] a ser o do emprego, não o da produção: cada vez que um fabricante solicita a autorização para fundar uma empresa, é a esse argumento - dar trabalho aos pobres, utilizar os braços ociosos – que ele recorre.” (PERROT, 2010, p.20)

O redator continuava comentando sobre um “grande número de pedintes” que viviam a pedir caridade pública indo baterem de porta em porta. Nota-se que o advento da República e todas as modificações realizadas na cidade, delimitando os espaços de convivência, resultaram em um grande aglomerado de pessoas, que tinham dificuldades para sobreviver. Sendo assim as poucas fábricas na cidade de Desterro/Florianópolis sempre tiveram mão de obra disponível.

Com referência ao artigo “*As Nossas Indústrias*”, ao fim da visita à fábrica, a impressão do funcionamento deste estabelecimento foi à “ordem e respeito”. Referindo-me a entrevista de Alda Costa de Campos, mesmo sendo posterior ao período estudado, ela nos ajuda a compreender as relações de trabalho entre superiores e subordinados, e a questão da “ordem e do respeito”. Alda relata a relação de trabalho com seus superiores, e ainda menciona que trabalhar na fábrica e ter um emprego era algo que dava certa estabilidade na vida, quando perguntada pela entrevistadora:

⁴⁰ CAMPOS, Alda Costa. **Alda Costa de Campos**. [nov,2004]. Entrevistadora: Elaine da Costa. Laboratório de História Oral – UFSC. Pasta: 2004-2007 [621-658].

⁴¹ “As Nossas Indústrias: A Fábrica Catarinense de Rendas e Bordados” **Jornal O Dia. Órgão do Partido Republicano Catarinense**. Florianópolis, 28 de abril de 1918, Nº 8.873.

Entrevistadora: E como era o seu serviço naquela época? **Alda:** Há...pra nós era bom, porque quem tinha um emprego naquela época era feliz da vida né, porque não tinha serviço. E... era bom, só que eu errava muitas vezes e, ia num... chefe geral lá..., na primeira vez era tudo muito bom, na segunda vez ele dava bronca na gente, porque era muito rígido o serviço naquela época, agente tinha muito medo também.⁴²

Não se sabe exatamente com qual frequência acontecia essas “broncas”, e não sabe como era a relação entre superiores e subordinados, mas a rígida disciplina pode ser classificada nesse sentido pelo “medo” descrito pela ex-funcionária. Para compreendermos melhor o papel do sexo feminino, nos primeiros anos do século XX, a imagem a seguir é umas das poucas fotografias do interior da fábrica que se tem acesso, observa-se que as mulheres estavam em “segundo plano”, de modo mais afastado na fotografia, porém os homens além de estarem próximos à fotografia, sua postura de braços cruzados (homem à frente na foto) e suas vestes indicam que “possivelmente” tinham cargos específicos dentro desta empresa.

Figura 5- Seção de empacotamento da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke.



Fonte: REIS, Sara Regina Poyares dos. Oliveira, Sandra Regina Ramalho de. KLUG, João. **Carl Hoepcke: a marca de um pioneiro**. Florianópolis: Insular, 1999

A imagem é da seção de empacotamento da Fábrica de Rendas e Bordados, nela nota-se a presença de uma mulher que está sentada (ao lado direito da foto), enquanto outros homens na foto (ao lado esquerdo) estão em pé. Não se sabe em qual momento essa fotografia

⁴² CAMPOS, Alda Costa. **Alda Costa de Campos**. [nov,2004]. Entrevistadora: Elaine da Costa. Laboratório de História Oral – UFSC. Pasta: 2004-2007 [621-658].

foi tirada. Esse setor contava com a mão de obra de operárias “moças” e meninas, mas estas não apareceram na fotografia. O que podemos supor é que fotografaram no final do expediente, e não se sabe se foi intencional essa “divisão” entre os homens e a mulher. A fotografia é um objeto de pesquisa como fonte histórica, portanto ela também é utilizada do mesmo modo como fontes textuais, para compreendemos os acontecimentos relacionados a certos grupos sociais.

Outro aspecto analisado no jornal “O Dia”, foi que grande parte das notícias veiculadas em relação a Fábrica de Rendas e Bordados, era sobre seu funcionamento, seu desempenho econômico, por meio de relatórios e balanços divulgados pelo jornal. O único aspecto que se menciona as operárias(os) é o fato deles serem pobres, e terem a fábrica como um meio de “*ganhar o pão de cada dia*”. Pouco se sabe das relações entre as próprias operárias e operários desta fábrica.

Em matéria intitulada: “*Na Fábrica de Rendas e Bordados, 70 operárias brasileiras que protestam contra as acusações do Sr. Horácio Antônio de Maria*” na publicação do jornal “A Opinião, do ano de 1917, é mencionado no artigo um “pedido de desculpas” ao Sr. João Mahler que também era operário desta mesma fábrica, e que foi acusado de ser “perseguidor” as suas colegas de trabalho. O que mais chama a atenção nessa notícia foi que o redator retirou a acusação desse operário, sem mencionar o que de fato aconteceu, quando menciona:

Noticiamos hontem, sob a responsabilidade do Sr. Horácio Antônio de Maria que o sr. João Mahler, empregado dessa fábrica de bordados da capital, estava perseguindo as operárias brasileiras que no referido estabelecimento mourejam desde a sua fundação . Entretanto temos hoje o praser de asseverar que as asserções do referido sr.não merecem nenhum crédito, visto terem sido ellas nascidas apenas de certas prevenções particulares que nos furtamos de comental-as. Nunca tivemos nem de leve a intenção de accusar injustamente a quem quer que seja; e tanto assim é que sempre damos publicidade a certos factos , dos quaes não temos inteira convicção, sob a responsabilidade do nosso informante. E é por isso que, sinceramente, attendemos a um grupo de operárias da mencionada fábrica que veio hoje, à nossa redacção, solicitar-nos a publicação do protesto que, com franqueza d’ alma fazem em opposição as acusações, que dizem ser capciosas , contra o sr. João Mahler que, desde o início do funcionamento da fábrica até hoje, mostrou-se sempre muito gentil para com todas ellas.⁴³

Dando sequência à notícia o redator mencionou que 70 operárias foram em sua redação pedir para retirar a acusação contra o Sr. João Mahler. Analisando essa publicação, pergunto-me: Qual a intenção da notícia ser veiculada no jornal? Porque Horácio Antônio de

⁴³ Na Fábrica de Bordados 70 operárias brasileiras que protestam contra as acusações do Sr Horácio Antônio de Maria. **Jornal A Opinião**. Florianópolis, 21 de dezembro de 1917, Nº 847.

Maria fez essa acusação? Será que as operárias sofreram algum tipo de perseguição? Será que o funcionário João foi acusado injustamente? Dentre as questões levantadas para a suposta perseguição, fica a dúvida: Qual cargo João ocupava nessa fábrica? Porque as operárias pediram para o redator dizer que João não havia feito nada? Porque dentre as operárias uma encarregada estava entre elas, mencionada como operária? Em relação à (Angélica Beltrami), ou está ainda não havia sido promovida ao cargo de direção. Algum superior na empresa quis "abafar" esse caso para não manchar a imagem da empresa? Restam muitas perguntas a serem respondidas.

Com a instauração da República e as mudanças ocorridas provenientes do processo “modernizador” em curso na cidade de Florianópolis, nos primeiros anos do século XX, acredito a fábrica teve papel essencial no processo de disciplina dos funcionários(as), pois “[...] o hábito de levantar cedo também introduziria uma regularidade rigorosa nas famílias, uma ordem maravilhosa na sua economia”(THOMPSON,1998,p.292). Essa disciplina ajudava a manter a ordem social na cidade, imbuída da preocupação dos espaços “higienizados”.

De acordo com Pedro no “[...] processo de organização, exclusão e delimitação dos espaços para a pobreza urbana, em Florianópolis, a elite contou [também] com a Polícia [...]” (1994, p.159). Portanto “[...] talvez, por isso, ficasse a cargo dos jornais, como instrumentos “pedagógicos” das elites, estar a todo instante lembrando que o trabalho tinha um objetivo maior, ou seja, o crescimento da cidade” (SCHMITT, 2001, p.71).

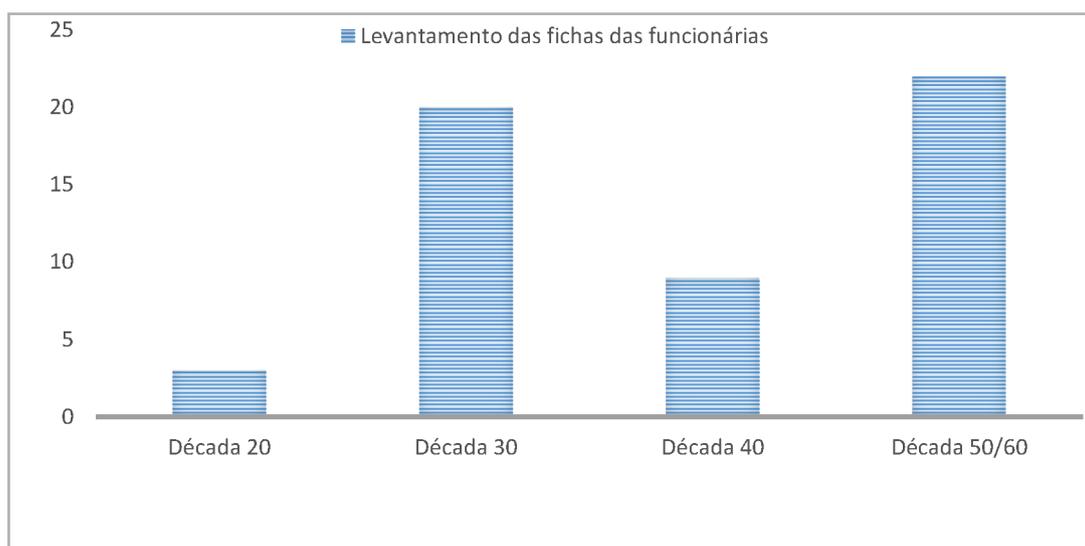
Pela lógica do capitalismo nos primeiros anos do governo republicano foi o “relógio moral” que ditava a vida da maior parte das pessoas. Em relação às mulheres “[...] pobres urbanas, havia – além das tentativas de ‘reajustamentos social’ dirigidas à sua classe, toda uma preocupação centrada em expectativas de comportamento considerado próprio para mulheres” [...] (PEDRO,1994,p.155).

2.2 Fichas das funcionárias da Companhia Hoepcke.

A análise das fichas das antigas funcionárias da Fábrica de Rendas e Bordados da mesma Companhia Hoepcke, tinha como propósito me orientar para tentar “decifrar” um perfil dessas mulheres. Então foi feito contato com a Fábrica de Rendas e Bordados, que atualmente localiza-se em São José/SC, mas infelizmente não foi possível ter acesso às informações das fichas das funcionárias desta Fábrica.

Procurando solucionar essa lacuna em minha pesquisa, optei por selecionar fichas mais antigas, das décadas 1920 e 1930, de mulheres que trabalharam no complexo de fábricas da mesma Companhia, localizados na região central de Desterro/Florianópolis. Nesse conjunto de fichas havia ainda fichas das décadas de 1940, 1950 e 1960. O Instituto Carl Hoepcke disponibilizou essas fichas para a consulta, e por meio de muitas visitas, fui montando um quadro de informações sobre essas mulheres.

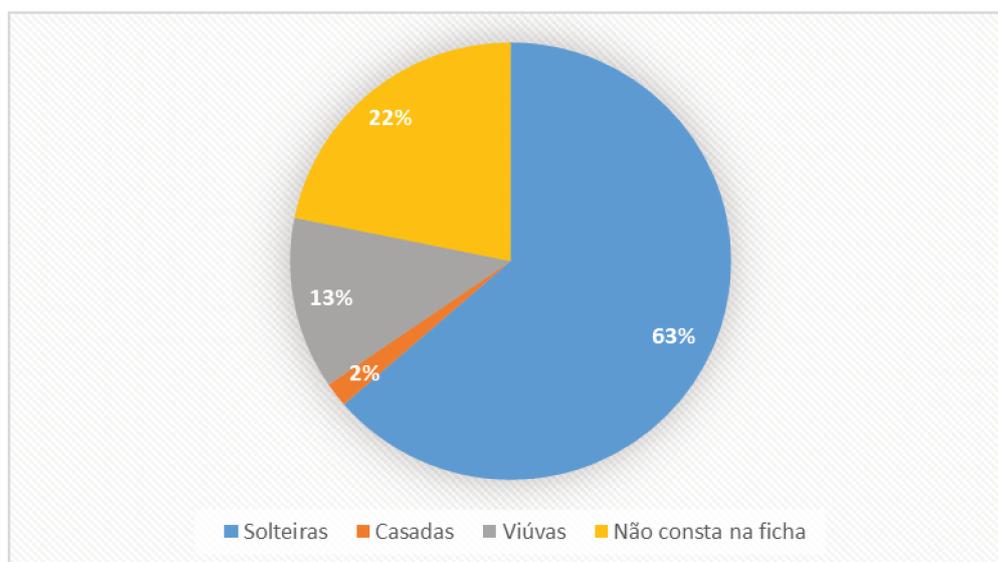
Gráfico 2 – Quantidade de fichas analisadas das funcionárias da Companhia Hoepcke entre as décadas de 1920 a 1960.



Fonte: CENTRO DE MEMÓRIA INSTITUTO CARL HOEPCKE

O gráfico nº 2 se refere à quantidade de fichas analisadas durante minha pesquisa, ficam divididas em: década de 1920, três funcionárias; década de 1930, vinte funcionárias; década de 1940, nove funcionárias; década de 1950 a 1960, vinte e duas funcionárias, totalizando 54 funcionárias.

Gráfico 3 – Estado Civil das funcionárias da Companhia Hoepcke entre as décadas de 1920 a 1960.



Fonte: CENTRO DE MEMÓRIA INSTITUTO CARL HOEPCKE

O gráfico nº 3 se refere ao estado civil das funcionárias, sendo assim distribuído em: 35 mulheres solteiras corresponde a 63% do total; 12 mulheres no qual não consta na ficha o estado civil, corresponde a 22% do total; 7 mulheres viúvas, que corresponde a 13% do total, 1 mulher casada, corresponde a 2% do total.

Optou-se por quantificar as fichas, levando em consideração a grande quantidade de mulheres solteiras. Na entrevista de Alda, ela mencionava que o casamento era motivo de saída de muitas mulheres, inclusive ela mesma trabalhou pouco tempo na fábrica, em um período de dois anos e quatro meses, e quando questionada sobre ficar mais tempo na fábrica, a entrevistada sente um “arrependimento” por ter casado cedo.

Entrevistadora: E a senhora tinha vontade de continuar trabalhando por mais tempo lá? **Alda:** Há tinha,ôooo chorei muito quando sai de lá. **Entrevistadora:** Porque a senhora choro? **Alda:** Eu chorei porque a gente era nova deu mancada né, foi casá e...⁴⁴

O que podemos deduzir é que o casamento era o “fim” da vida profissional de uma mulher, na maioria dos casos, pois esta teria agora que se dedicar ao lar e a criação dos filhos. Outro dado analisado nas fichas das funcionárias foi o tempo de serviço. As fichas analisadas correspondem a Fábrica de Pontas Rita Maria e a Fábrica de Gelo, sendo que o número de mulheres que trabalhavam na Fábrica de Gelo era mais significativo do que a de Pontas, pois

⁴⁴ CAMPOS, Alda Costa. **Alda Costa de Campos**. [nov,2004]. Entrevistadora: Elaine da Costa. Laboratório de História Oral – UFSC. Pasta: 2004-2007 [621-658].

a Fábrica de Pontas empregava em maior número homens. Muitas mulheres trabalharam durante muitos anos nessas fábricas, muitas em períodos alternados, talvez devido ao fluxo de produção for maior ou menor. A maioria das mulheres trabalhou um tempo que equivale a 1 ano a 6 anos.

A ficha selecionada a seguir, é de uma funcionária da Companhia Hoepcke, a ficha de Maria Eliza Tavares. Essa ficha está dividida em duas ordens diferentes, primeiramente com o nº de ordem 80 e posterior o nº666. A escolha da ficha teve como critério o período de admissão e o tempo de serviço. Cada funcionário tinha em sua ficha dados como: foto, número de carteira profissional, carteira de aposentadoria, nome completo, sexo, filiação, data de nascimento, nacionalidade, naturalidade, estado civil, filiação, sindicato, residência, data de admissão, ocupação atual, salário, forma de pagamento, horário de trabalho e de descanso, nome dos beneficiários, data de chegada ao Brasil (se acaso fosse estrangeiro), assinatura do funcionário, e pôr fim a data de saída. Em anexo havia o registro das férias e das dispensas, e as correções do salário. Considero relevante mencionar que por ser uma empresa de porte considerável abrangendo o comércio e a indústria, é provável que o modelo da ficha a seguir fosse um padrão da empresa.

Na primeira ficha consta a idade de 48 anos e na segunda ficha, consta a idade de 62 anos. Da comparação das fichas podemos analisar que essa funcionária tenha essas duas fichas preenchidas, devido ao seu tempo de serviço, que perdurou 14 anos. Cada ficha tem dois carimbos do Ministério do Trabalho da Indústria e Comércio, carimbo este que se identifica como 16º Delegacia Regional de Santa Catarina e Florianópolis.

O horário de serviço nas Fábricas do mesmo complexo industrial da Companhia Hoepcke, localizadas na região central de Florianópolis coincidem, ou seja, a padronização no horário de funcionamento das fábricas que era das 7:00 da manhã às 16:30 horas da tarde, e aos sábados das 7:00 da manhã às 12:00 horas. Anteriormente a década de 1930, a Fábrica de Rendas e Bordados teve 2 turnos de trabalho, o uso da mão de obra feminina a partir de 1932, proibia os trabalhos noturnos ao sexo feminino⁴⁵. Não se tem maiores informações sobre até qual momento essas operárias continuaram a trabalhar no período noturno, mas é provável que após vigorar essa lei, a empresa tenha se adequadado às normas. O que se tem informação

⁴⁵ MUNAKATA, Kazumi. **A legislação trabalhista no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.79.

em comparação com a ficha em análise, é que em 1926 já havia um regulamento em que os trabalhadores tinham direito a quinze dias de férias.

Não foi possível ser analisada nesta pesquisa, dados referentes à remuneração das operárias da Fábrica de Rendas e Bordados entre os anos 1913 a 1924, e compara-las com a ficha da funcionária Maria Elisa Tavares. Portanto é uma lacuna que fica em aberto para futuras pesquisas. É importante ressaltar que após a década de 1930, as leis trabalhistas criadas no Governo de Getúlio Vargas tiveram como objetivo “antecipar” medidas para beneficiar os patrões e os empregados, e assim evitar levantes da população, pois de acordo com Munakata “[...] se as leis trabalhistas são inevitáveis, que a aplicação destas seja controlada não pelo movimento operário e os sindicatos- cujos dirigentes só visam conturbar a ordem e não a melhoria do operariado - , mas por um Estado tecnicamente aparelhado para essa função, inclusive absorvendo e controlando os próprios sindicatos”(1984,p.64).

Em relação ao estado civil da funcionária, ela está registrada como viúva em ambas as fichas, na primeira ficha consta somente como beneficiária sua mãe, e na outra ficha como beneficiária somente a sua irmã. É provável que após seu esposo ter falecido, ela retornou a casa de seus pais, ou morou com sua irmã, e sendo assim manteve-se como funcionária na fábrica durante muitos anos.

Figura 6 – Ficha de Registro de Funcionário da Carlos Hoepcke S.A Maria Eliza Tavares – N°80 de Ordem.

CARLOS HOEPCKE S. A. COMÉRCIO E INDÚSTRIA
 — MATRIZ —

A

N.º -80- de ordem



B

REGISTRO DE EMPREGADOS

Carteira Profissional n.º 3384 Série 4a.

Carteira de Reservista n.º Categoria

Carteira de Aposentadoria n.º (368745)(3.290.085)(7.069.507) 11976978

Nome do empregado Maria Eliza Tavares

Sexo feminino

Filiação | Pai João Tomé de Borges

| Mãe Sebastiana Elisa Tavares

Nacionalidade brasileira Naturalidade catarinense

Lugar do nascimento Rio Tavares

Data do nascimento 13 / 5 / 1897 Idade 48 anos.

Estado civil viuva Residência

Rua : Nestor nº 199 - Estreito - Fpolis.

Data da admissão ao serviço 22 / 9 / 29

Categoria ou ocupação habitual empacotadora

Ordenado ou salário Cr\$14,00

Forma de pagamento quinzenal

Sindicato a que pertence

N.º de matricula

Para trabalhar normalmente das 7 às 16½ horas, com os intervalos de 1 hora para refeição e descanso.

Nomes dos beneficiários Sebastiana Elisa Tavares (mãe)

Quando estrangeiro, data em que chegou ao Brasil / /

N.º. do registro ou da carteira Nacionalidade da esposa

Nacionalidade dos filhos

Assinatura do empregado Maria Eliza Tavares

Florianópolis, em 11 de junho de 1945

Data da dispensa de de de 194

Fonte:Acervo do Instituto Carl Hoepcke. Reprodução proibida sem autorização expressa do ICH.

Figura 7 - Ficha de Registro de Funcionário da Carlos Hoepcke S.A Maria Eliza Tavares – N°666 de Ordem – 04 Páginas

CARLOS HOEPCKE S. A. COMÉRCIO E INDÚSTRIA
MATRIZ

N.º 666 DE ORDEM




REGISTRO DE EMPREGADOS

Carteira Profissional n.º 3384 Série 4 A
 Carteira de Reservista n.º _____ Categoria _____
 Carteira de Aposentadoria n.º 11776978
 Nome do empregado Maria Eliza Tavares Sexo Feminino

Filiação | Pai João Tomé de Borges
 Mãe Sebastiana Eliza Tavares
 Nacionalidade Brasileira Naturalidade Santa Catarina
 Lugar do nascimento Rio Tavares - Fpolis
 Data do nascimento 13 / 5 / 1897 Idade 62 anos.
 Estado civil Viuva Residência Osmar Cunha s/n.

Data da admissão ao serviço 22/9/29
 Categoria ou ocupação habitual empacotadeira
 Ordenado ou salário Cr\$ 150,00 por dia (Salário Mínimo de 1959)
 Forma de pagamento quinzenal
 Sindicato a que pertence ---

N.º de matrícula _____

Para trabalhar normalmente das 7 às 16,30 horas, com os intervalos de 1 hora para refeição e descanso.
 Nomes dos beneficiários irmã

Quando estrangeiro, data em que chegou no Brasil _____ / _____ / _____
 N.º. do registro ou da carteira _____ Nacionalidade da espôsa _____
 Nacionalidade dos filhos _____

Assinatura do empregado _____
 Florianópolis, em 20 de Março de 19 59
 Data da dispensa 4 de Fevereiro de 19 60

Fonte: Acervo do Instituto Carl Hoepcke. Reprodução proibida sem autorização expressa do ICH.

As fichas analisadas da mesma Companhia Hoepcke, constataram a presença de algumas mulheres que trabalharam durante muitos anos nestas fábricas. O tempo de trabalho era superior a 20 anos. O relato de uma ex-funcionária da Fábrica de Rendas e Bordados da década de 1940, faz referência às “solteironas”, que tinham entre 45 a 50 anos de idade, na época em que Alda começou a trabalhar na fábrica, visto que ela entrou jovem com dezessete anos de idade, pelo relato de Alda, as funcionárias “coroas” predominavam na fábrica nesse período.

Alda: Tudo solteirona [...] Há mas já era tudo assim. Quando eu trabalhei, já tinha tudo, uns 50 anos, 45 anos, não tem, tudo gente coroa assim já. **Entrevistadora:** A senhora lembra se teve alguma colega sua..consegui trabalha...casada, passando por solteira no seu tempo? **Alda:** Olha eu sei que tinha uma lá...

Com base na entrevista de Alda, supõe-se que essas mulheres de 45 a 50 anos, estava há muito tempo trabalhando na fábrica, e possivelmente foram contratadas entre a década de 1920 a 1930. A questão que surgiu diante dessa situação, é o porquê dessas mulheres se manterem no emprego? Talvez se deva ao fato do encarecimento em viver na cidade de Florianópolis, ou por justamente não ter se casado, precisou manter-se no emprego, pois era necessária a sobrevivência.

A pesquisa teve a intenção de reconstruir um período em que a Fábrica de Rendas e Bordados esteve em atividade na região central de Florianópolis, principalmente nas duas primeiras décadas do século XX, e analisar qual foi o papel que ela desempenhou após a implantação do regime republicano na época. É preciso salientar que a Fábrica de Rendas e Bordados, assim como a Fábrica de Gelo e a Fábrica de Pontas Rita Maria, e todos os empreendimentos de Carl Hoepcke, ajudaram a empregar muitos homens e mulheres em trabalhos assalariados, em uma época em que a repressão aos trabalhadores ditos “informais” era grande, por isso é relevante destacar que ser um funcionário da Companhia Hoepcke, não deixava ser um diferencial entre esses sujeitos, que estabeleciam uma relação mais profunda com o local de trabalho.

A disciplina estabelecida também por meio do trabalho fabril ajudou a moldar uma nova classe de trabalhadores, isso é fato, pois [...] uma nova ética do trabalho, ou melhor dizendo, o novo conceito de trabalho que buscava uma série de modificações nas práticas dos trabalhadores e trabalhadoras, onde os discursos dominantes apontavam que, um “cidadão de bem” deveria ser ligado ao trabalho, sendo assim um membro útil da sociedade”(SCHMITT,2001,p.27). É importante salientar que o controle do tempo e da

disciplina não é enraizada no trabalho fabril, mas que ela é algo que se disseminou com o tempo nos mais variados campos, político, social e econômico.

O trabalho feminino analisado nesta fábrica, por meio de recortes de jornal, relato oral de ex-funcionária, e as fichas de funcionárias do mesmo complexo industrial da Companhia Hoepcke, ajudaram a configurar um perfil dessas trabalhadoras. Com esta pesquisa foi demonstrada a participação feminina não somente no trabalho fabril, mas em todos os aspectos, desde trabalho formal ao informal, e seus métodos de sobrevivência, afinal assim como menciona Schmitt “[...] os trabalhadores e trabalhadoras, apesar de não se guiarem pelo tempo das máquinas, tinham que se familiarizar com uma nova conotação, afinal, o tempo, regido pelo trabalho vai se transformando em componente imprescindível na cidade” (2001, p.81).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo O Cotidiano de Trabalho: Operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke em Florianópolis, entre os anos de 1913 à 1924, procurou analisar as condições de trabalho dessas operárias, e o papel da mulher em Florianópolis nos primeiros anos do século XX, tendo como foco esta fábrica, que foi uma das poucas empresas da cidade que contrataram, em maior número, a mão de obra feminina.

Dada a importância sobre questões relacionadas ao gênero, sendo o gênero de acordo com Perrot uma construção sociocultural, oriunda das relações sociais, é relevante trazer à tona a discussão sobre a empregabilidade dessas mulheres na fábrica, e qual o contexto em que elas estavam inseridas, sendo que a maior parte do operariado fabril que compunha a época, era o segmento mais pobre da população.

Sendo assim esta pesquisa teve como intuito demonstrar que o período do advento da República (1889-1930) teve como finalidade “moldar” a sociedade, de acordo com seu novo regime baseado na “ordem e no progresso”, inserindo o discurso dominante da “utilidade” do trabalho para a construção da “Nação”. Compreende-se assim que o trabalho fabril, foi um meio de disciplinar os trabalhadores(as), e coibir as atividades em caráter informal que não seguiam os preceitos higienistas do novo governo na época.

Pode-se constatar que a criação da Fábrica de Rendas e Bordados foi proveniente do desenvolvimento de outras atividades comerciais e industriais, com ramos diversificados do proprietário e imigrante alemão Carl Franz Albert Hoepcke, atividades estas estabelecidas na cidade de Desterro/Florianópolis e região. Portanto a industrialização e o comércio em Santa Catarina de 1880 a 1945 foram baseados na pequena produção. Muitos desses imigrantes alemães, além de ter uma forte influência no comércio e na indústria, muitos eram ligados à política.

Com a utilização da metodologia de visualização por gráficos, três aspectos foram levantados para análise da pesquisa para compor o perfil dessas operárias como: estado civil, o tempo de serviço, e a relação de parentesco baseado em sobrenomes iguais. Nos resultados obtidos constou-se que em relação ao estado civil, coincidentemente predominaram as solteiras, nas décadas de 1920 a 1960. Entretanto, é preciso mencionar que algumas mulheres

trabalharam muitos anos nestas fábricas, confirmando-se essa hipótese com o relato uma ex-funcionária da Fábrica de Rendas e Bordados, essa manutenção no emprego deveu-se ao fato da necessidade de um salário para o seu sustento e de sua família.

A suposta “indicação” para a empregabilidade dessas mulheres, também é outra questão que fica em aberto, pois mesmo tendo a relação desses nomes e sobrenomes, não foi permitida, pela Fábrica, consultar as fichas dessas funcionárias para serem analisadas. A pesquisa baseou-se em recortes de jornal, e as fichas de funcionárias do mesmo complexo Industrial da Companhia Hoepcke, e por fim pelo relato oral de uma ex-funcionária que trabalhou na década de 1940.

Os recursos utilizados nesta pesquisa permitiram “traçar” um perfil dessas operárias da fábrica, e concluir até o momento que essas mulheres foram donas de sua própria história, alcançaram o mercado de trabalho, e além das dificuldades encontradas na época em que viveram, foram a grande força que moveu essa fábrica, que continua até hoje em atividade. Portanto este estudo, deixa muitas questões em aberto para serem discutidas em trabalhos futuros para aprofundar a questão do trabalho feminino na cidade de Florianópolis.

Com todos os percalços encontrados no caminho, a pesquisa possibilitou ampliar os conhecimentos sobre o operariado fabril em Florianópolis, tendo como foco a Fábrica de Rendas e Bordados, que atualmente ainda está em funcionamento, e que se encontra na cidade vizinha em São José/SC, sendo dirigida por uma mulher, a bisneta de Carl Hoepcke, Silvia Hoepcke da Silva.

FONTES

ARQUIVOS DO INSTITUTO CARL HOEPCKE. Fichas dos funcionários da Companhia Hoepcke.

BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Jornal O DIA: Órgão do Partido Republicano Catarinense – Florianópolis. 1901 a 1918. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DOCREADER/217549/1>>

REFERÊNCIAS

- ANGELO, Elis Regina Barbosa. **Tecendo Rendas: gênero, cotidiano e geração na contemporaneidade**. Florianópolis: Novas Edições Acadêmicas, 2015.
- BORGES, Elaine. SCHAEFER Bebel Orofino. **Vozes da Lagoa**. Fundação Franklin Cascaes; Fundação Banco do Brasil, 1995.p.155
- BOSSLE, Ondina Pereira. **História da Industrialização Catarinense** (Das Origens à Integração no Desenvolvimento Brasileiro) Florianópolis: CNI/FIESC,1988.
- CABRAL, Oswaldo R. História de Santa Catarina. In:_____ **O período de 1900 a 1930 A Política do Estado** 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.
- CZESNAT, Lúgia de Oliveira. **As estruturas das atividades comerciais da empresa de Carl Hoepcke e CIA no contexto catarinense**. Dissertação de mestrado. – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1980.
- CUNHA, Idaulo José. O Salto da Indústria Catarinense um exemplo para o Brasil. In_____: **Primeira fase do desenvolvimento industrial** (1880-1914).Florianópolis; Paralelo, 1992.
- FERREIRA, Jorge. Et al. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930.In:**A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GOULARTI, Filho, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- HAHNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940**. Florianópolis: Mulheres, 2003.
- LUCCA, Tânia Regina de. História dos,nos e por meio dos periódicos.In_____:PINSKY,Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MÜLLHER, Max Jose. **Carl Hoepcke – O Estruturador do desenvolvimento catarinense**. Florianópolis: Insular, 2007.
- MUNAKATA, Kazumi. **A legislação trabalhista no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- NECKEL, Roselane. **A República em Santa Catarina, Modernidade e exclusão** (1889-1920) Ed. UFSC,2003.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**; tradução Angela M.S. Corrêa. 2ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

REIS, Sara Regina Poyares dos.Oliveira, Sandra Regina Ramalho de.KLUG, João. **Carl Hoepcke: a marca de um pioneiro**. Florianópolis: Insular, 1999.

SINGER, Paul. Et al. **Brasil: Um Século de Transformações** . São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHMITT, Jaqueline A M. **TRABALHANDO EM FLORIANÓPOLIS (As Práticas de Trabalho e as Memórias de Trabalhadores e Trabalhadoras.) 1900-1920**. Dissertação de mestrado. – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SOUZA, Jéssica Duarte. **Trabalho e Raça: Perfil dos(as) Trabalhadores(as) da Fábrica de Pontas Rita Maria no Pós- Abolição** (Florianópolis,1894-1930) Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira: origem e desenvolvimento**. Nova ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras,1998.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana**. Florianópolis: Ed UFSC e Fundação Franklin Cascaes,1993.

ANEXOS

ANEXO 1 - "Na Fábrica de Bordados 70 operárias brasileiras que protestam contra as acusações do Sr. Horácio Antônio de Maria." Jornal A Opinião. Florianópolis, 21 de dezembro de 1917, Nº 847.

se
Re-
nal
no-
ue
io-
le-
ri-
sa,
as
na
n-
os
-
ta
i-
n
a-
l-
t-
i
-
-
-
si
ba
pe
do
ab
re
im
du
du
ing
de
inc
de
co
Mo
est
fra
qu
diz
pe
de,
pr
ten
ton
Gu

Na Fabrica de Bordados

**70 operarias bra-
sileiras que pro-
testam contra as
accusações do
sr. Horacio Anto-
nio de Maria.**

Noticiamos hontem, sob a responsabilidade do sr. Horacio Antonio de Maria que o sr. João Mahler, empregado da fabrica de bordados, desta capital, estava perseguindo as operarias brasileiras que no referido estabelecimento mourejam desde a sua fundação. Entretanto temos hoje o praser de asseverar que as asserções do referido sr. não merecem nenhum credito, visto terem sido ellas nascidas apenas de certas prevenções particulares que nos furtamos de comental-as.

Nunca tivemos nem de leve a intenção de accusar injustamente a quem quer que seja; e tanto assim é que sempre damos publicidade a certos factos, dos quaes não temos inteira convicção, sob a responsabilidade do nosso informante.

É por isso, que, sinceramente, attendemos a um grupo de operarias da mencionada fabrica que veio hoje, á nossa redacção, solicitar-nos a publicação do protesto que, com franqueza d'alma, fazem em opposição as acusações, que dizem serem capciosas, contra o sr. João Mahler que, desde o inicio do funcionamento da fabrica até hoje, mostrou-se sempre muito gentil para com todas ellas.

Com a publicação, pois, do protesto, que abaixo segue, fica sem effeito as ac-

cusações do sr. Horacio Antonio de Maria.

PROTESTO

As operarias da Fabrica de Bordados, desta capital cujos nomes abaixo se guem, protestam contra as accusações feitas ao sr. João Mahler pelo sr. Horacio Antonio de Maria:

Angelica Beltrami, Adalina Cardozo, Asteria Gonçalves, Emilia da Rosa, Josepha Meira, Anninha Fonerolle, Maria Passos, Nair Guedes, Maria Valgas, Maria Marques Auta Cardoso, Duartina de Jesus, Diamantina Braga, Maria Julia Areas, Helena Dobes, Catharina Vieira, Celeste Ferreira, Almerinda Cidade, Idalva Silva, Maria Joanna, Umbelina Maria, Julieta Campos, Martinha Campos, Baziliça Favares, Alba Siqueira, Maria dos Anjos, Aristotelina Zome, Estautelina Zome, Rosa Nunes, Olinda Luvramento, Edwirges de Jesus, Maria Catharina, Amelia Correia, Elsa Ruzziniti, Anastacia Charniczky, Maria Antonia, Alaya Godinho, Olina Castro, Maria José Barcellos, Otilia Vianini, Mathilde Beltrami, Normelia Pereira, Laudelina de Oliveira, Isolda Conceição, Benta da Rosa, Maria Coutinho, Ondina Portelli, Olga Seaberh, Julia Vieira, Ernestina Vieira, Genoveva Guratky, Alda Vargas, Doralice Siqueira, Belarmina Fernandes, Hendina M. Oliveira, Rosa Lúcia Vitala, Perilha Fernandes, Ledina Falcão, Supriana Santa Sybilla Beltrami, Maria Souza Romana Ferreira, Christina Costa, Anna da Silva, Maria da Silveira, Lydia Antonia da Silva, Olga Abraham, Angelina Verdieri e Carolina Verdieri.